

CLIVE CUSSLER

Iceberg

Tradução de João Félix

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Este é para a Bárbara, cuja paciência constante
de alguma forma me mantém no caminho certo.*



Prólogo

O SONO INDUZIDO PELAS DROGAS DISSIPOU-SE E A RAPARIGA COMEÇOU a debater-se em agonia, de volta a um estado de consciência. Uma luz ténue e disforme recebeu-a à medida que abria lentamente os olhos e um fedor repugnante e putrefacto lhe invadia as narinas. Estava nua, com as costas despidas encostadas a uma parede amarela e húmida, coberta de viscosidade. Era surreal, impossível, tentava ela dizer a si mesma ao acordar. Tinha de ser uma espécie de pesadelo horrível. Então, de súbito, antes que tivesse qualquer hipótese de combater o pânico que se propagava dentro dela, a viscosidade amarela no chão elevou-se e começou a subir pelas pernas do seu corpo indefeso. Aterrorizada para além de qualquer pensamento racional, começou a gritar; gritou tresloucadamente à medida que a abominação trepava cada vez mais para cima, sobre a sua pele despida e suada. Os seus olhos saltavam das órbitas e ela debatia-se desesperadamente. Era inútil, os seus pulsos e tornozelos estavam firmemente agrilhoados à superfície coberta de muco da parede. Lentamente, sempre lentamente, a demoníaca viscosidade rastejou sobre os seus seios. Então, assim que o horror indescrevível tocou nos lábios da rapariga, deu-se o rugido de uma vibração e uma voz, assombrosa e invisível, ecoou pelo compartimento escuro.

— Peço desculpa por interromper o seu tempo de estudo, Tenente, mas o dever chama.

O Tenente Sam Neth fechou repentinamente o livro nas suas mãos.

— Raios, Rapp — disse para o homem de ar azedo sentado a seu lado no cockpit do avião barulhento, — sempre que eu chego a uma parte interessante, você interrompe-me.

O Subtenente James Rapp acenou na direção do livro, com a capa mole ilustrada com uma rapariga a debater-se numa poça de visco amarelo. Mantinha-se à tona, Rapp deduzia, devido aos seus enormes seios flutuantes.

— Como consegue ler essa porcaria?

— Porcaria? — Neth sorriu a custo. — Não só invade a minha privacidade, Subtenente, como também se considera o meu crítico literário privado! — Atirou as suas grandes mãos ao alto em desespero. — Porque é que me designam sempre um copiloto cujo cérebro primitivo se recusa a aceitar o estilo contemporâneo e a sofisticação? — Neth esticou-se e colocou o livro numa estante grosseira, suspensa no painel lateral com um cabide. Também na estante, encontravam-se diversas revistas gastas, com imagens do corpo feminino despido em posições variadas, tornando evidente que os gostos literários de Neth não abrangiam os clássicos.

Neth suspirou, depois endireitou-se no seu assento e olhou pelo para-brisas para o mar em baixo.

O avião de patrulha da Guarda Costeira dos Estados Unidos estava há quatro horas e vinte minutos numa monótona e rotineira missão de oito horas de vigilância e mapeamento do icebergue. A visibilidade era cristalina sob um céu sem nuvens e o vento mal movia as vagas ondulantes, uma situação invulgar para o Atlântico Norte em março. No cockpit, Neth, com quatro membros da tripulação, pilotava e navegava a gigantesca aeronave Boeing, enquanto os outros seis tripulantes, instalados no porão, observavam as miras dos radares e outros instrumentos científicos. Neth olhou para o relógio e virou o avião num grande arco, estabilizando a ponta numa linha reta em direção à costa da Terra Nova.

— Chega de dever. — Neth relaxou e agarrou no seu livro de terror. — Faça o favor de mostrar um pouco de iniciativa, Rapp. Não quero mais interrupções até chegarmos a St. John.

— Vou tentar — respondeu Rapp mal-humorado. — Se esse livro é tão absorvente, porque não mo empresta quando terminar?

Neth bocejou.

— Lamento. Faço questão de nunca emprestar a minha biblioteca privada. — Subitamente, o auscultador zumbiu no seu ouvido e ele pegou num microfone.

— Certo, Hadley, o que se passa?

Nas profundezas mal iluminadas do avião, o primeiro-marinheiro Buzz Hadley olhava intensamente para o radar, a sua cara a refletir um bizarro brilho verde do visor.

— Tenho uma leitura estranha, meu Tenente. A dezoito milhas, trezentos e quarenta e sete graus.

Neth ligou o botão do microfone.

— Vamos lá, Hadley. O que quer dizer com “estranha”? Está a apanhar um icebergue ou sintonizou para um velho filme do Drácula?

— Talvez ele esteja a apanhar o seu romance de terror escaldante — resmungou Rapp.

Hadley voltou a falar.

— A julgar pela configuração e tamanho, é um icebergue, mas o meu sinal é demasiado forte para ser gelo comum.

— Muito bem. — Neth suspirou. — Vamos dar uma olhadela. — Franziu o sobrolho para Rapp. — Seja simpático e dê a volta para nos colocar na direção de trezentos e quarenta e sete graus.

Rapp acenou e virou a coluna da manche para executar a mudança de rumo. O avião, acompanhado pelo ronco contínuo dos quatro motores a pistões Pratt-Whitney e a sua infundável vibração, inclinou-se gentilmente para um novo horizonte.

Neth pegou num par de binóculos e apontou-os para o infinito do oceano azul. Ajustou a roda de focagem e segurou as lentes o mais firmemente possível para compensar o trepidar da aeronave. Foi então que o viu: um ponto branco e inanimado, serenamente posicionado sobre um reluzente mar cor de safira. Lentamente, o icebergue aumentou de tamanho dentro dos dois túneis circulares dos binóculos à medida que o para-brisas do cockpit se aproximava. De seguida, Neth pegou no microfone.

— O que lhe parece, Sloan?

O Tenente Jonis Sloan, o principal investigador de gelo a bordo do avião de patrulha, já se encontrava a estudar o icebergue por uma escotilha semiaberta por detrás da cabine de controlo.

— Normalíssimo, vulgar — ouviu-se a voz monocórdica de Sloan nos auscultadores. — Um icebergue tabular com um cume em planalto. Calculo que tenha cerca de sessenta metros, provavelmente um milhão de toneladas.

— Normalíssimo? — Neth parecia quase surpreso. — Vulgar? Obrigado, Sloan, pela sua descrição altamente esclarecedora. Mal posso esperar para um dia visitar aquilo. — Virou-se para Rapp. — Qual é a nossa altitude?

Rapp manteve o olhar fixo em frente.

— Trezentos metros. A mesma altitude em que temos estado todo o dia... e ontem... e anteontem...

— Estava só a confirmar, obrigado — interrompeu Neth pontificamente. — Você nem imagina o quanto a minha velhice fica cada vez mais assegurada consigo aos controlos.

Colocou um par de óculos de aviação gastos e justos, preparou-se para enfrentar o choque do frio e abriu a sua janela lateral para ver melhor.

— Cá está ele — gesticulou para Rapp. — Faça umas quantas passagens e logo vemos o que encontramos.

Bastaram apenas uns segundos para Neth sentir a cara como a superfície esburacada de um porta-alfinetes; o ar gélido atacava-lhe a cara até felizmente perder toda a sensação. Cerrou os dentes e manteve o olhar fixo no icebergue.

A gigantesca massa de gelo assemelhava-se a um navio fantasmagórico, de vela cheia enquanto flutuava com graciosidade por debaixo das janelas do cockpit. Rapp reduziu a velocidade e virou ligeiramente os controlos, direcionando o avião de patrulha numa curva larga para bombordo. Ignorou o indicador de voltar e pranchar e avaliou o seu ângulo olhando por cima do ombro de Neth para o monte de gelo brilhante. Deu a volta três vezes, à espera que Neth lhe fizesse sinal para nivelar o avião. Por fim, Neth voltou para dentro e pegou no microfone.

— Hadley! Aquele icebergue está mais limpo que o rabo de um recém-nascido.

— Há qualquer coisa ali em baixo, meu Tenente — voltou-se a ouvir Hadley. — Tenho um ótimo ponto no meu...

— Acho que apanhei um objeto escuro, comandante — interrompeu Sloan. — Em baixo, junto da água na face a oeste.

Neth virou-se para Rapp.

— Desça até aos sessenta metros.

Bastaram uns minutos para Rapp cumprir a ordem. Passaram mais minutos e ele continuava a circundar o icebergue, mantendo a velocidade da aeronave a umas meras vinte milhas por hora acima do ponto de perda.

— Mais perto — murmurou Neth com resolução. — Mais trinta metros.

— Porque não aterramos simplesmente nessa coisa? — sugeriu Rapp com indiferença. Se estava preocupado, não o aparentava. A sua cara mostrava a expressão de alguém que estava prestes a adormecer. Apenas as gotículas de suor no seu sobrolho revelavam a concentração total necessária para executar a manobra arriscada que tinha em

mãos. As ondas azuis pareciam estar tão perto que Rapp parecia conseguir esticar-se sobre o ombro de Neth e tocar-lhes. E para somar à sua tensão crescente, as paredes do icebergue já se elevavam altas sobre o avião, com o cume a desaparecer completamente para lá dos caixilhos das janelas do cockpit. Um gesto em falso, pensou, uma corrente de ar inesperada e a ponta da asa a bombordo podia ser apanhada por uma crista de onda e num instante transformar o avião gigante numa roda de autodestruição.

Agora Neth começava a aperceber-se de algo... algo indistinto, algo que voava para lá da fronteira invisível entre a imaginação e a realidade. Materializou-se lentamente em algo palpável, uma forma de construção humana. Finalmente, após o que pareceu a Rapp ser uma eternidade, Neth voltou para dentro, fechou a sua janela lateral novamente e pressionou o interruptor do microfone.

— Sloan? Viu aquilo? — As palavras soavam abafadas e distantes, como se Neth estivesse a falar por uma almofada. A princípio, Rapp pensou que era por Neth ter o queixo e os lábios enregelados do frio mas, ao olhar rapidamente para Neth, foi surpreendido por ver a sua cara enregelada não do frio, mas de uma expressão pálida de verdadeiro espanto.

— Eu vi-o — ouviu-se a voz de Sloan pelo intercomunicador como um eco mecânico. — Mas não pensei ser possível.

— Nem eu — disse Neth, — mas está ali em baixo; é um navio, o raio de um navio fantasma envolto pelo gelo. — Virou-se para Rapp, abanando a cabeça como se não acreditasse nas suas próprias palavras. — Não consegui perceber nenhum detalhe. Só vi uma mancha da proa, ou talvez a popa, é impossível dizer com toda a certeza.

Tirou a viseira e apontou para cima com o polegar da mão direita. Aliviado, Rapp suspirou e nivelou o avião de patrulha, criando uma confortável margem de espaço entre a barriga do avião e o frio do Atlântico.

— Perdão, meu Tenente — ouviu-se Hadley pelos auscultadores. Estava debruçado sobre o seu radar, a estudar minuciosamente um pequeno ponto branco quase no centro do visor. — Pode ser que lhe interesse saber que o comprimento aproximado daquilo dentro do icebergue ronda os trinta e oito metros.

— Provavelmente é uma traineira de pesca abandonada. — Neth massajou vigorosamente as bochechas, franzindo de dor à medida que o fluxo de sangue voltava.

— Contacto o quartel-general de distrito em Nova Iorque para pedir uma equipa de salvamento? — perguntou Rapp de forma prática.

Neth abanou a cabeça.

— Não é preciso apressarmos um navio de salvamento. Obviamente não há sobreviventes. Faremos um relatório detalhado depois de aterrarmos na Terra Nova.

Houve uma pausa. Depois, ouviu-se a voz de Sloan:

— Faça uma passagem sobre o icebergue, Comandante. Eu posso largar um marcador para o tingir e o identificarmos mais rapidamente.

— Tem toda a razão, Sloan. Largue-o ao meu sinal. — Neth virou-se novamente para Rapp. — Leve-nos para cima da parte alta do icebergue, a noventa metros.

O Boeing, com os seus quatro motores ainda a trabalharem a uma velocidade reduzida, passou sobre o imponente icebergue como um pássaro monstruoso do Mesozoico à procura do seu ninho primitivo. Na escotilha do porão, Sloan levantou o braço e esperou. Depois, sob a indicação de Neth, Sloan atirou para o ar um frasco de pickles de um litro cheio de tinta vermelha. O frasco ficou cada vez mais pequeno até se transformar numa migalha minúscula, até que finalmente atingiu a superfície lisa da escarpa do alvo. Ao olhar para trás, Sloan conseguia ver um risco vermelho-vivo a espalhar-se lentamente pelo monte de gelo de um milhão de toneladas abaixo.

— Mesmo em cheio. — Neth quase parecia jovial. — A equipa de resgate não terá qualquer dificuldade em encontrar aquele. — Depois, com um ar inesperadamente triste, olhou na direção do local onde estava encerrado o navio desconhecido. — Pobres coitados. Será que alguma vez saberemos o que lhes aconteceu?

Os olhos de Rapp encheram-se de um ar pensativo.

— Era impossível quererem um túmulo maior.

— É apenas temporário. Duas semanas depois de aquele icebergue ser levado pela corrente do Golfo, já não haverá gelo que chegue para arrefecer uma grade de cervejas.

A cabine ficou encoberta por silêncio, um silêncio que se parecia intensificar pela vibração contínua dos motores do avião. Nenhum dos dois homens falou durante largos momentos, cada um perdido nos seus próprios pensamentos. Apenas conseguiam olhar para o imponente cume de branco que se erguia do mar para fora e especular sobre o enigma que estava encerrado debaixo do seu manto gelado.

Por fim, Neth recostou-se na sua cadeira, ficando quase na horizontal, e voltou aos seus modos imperturbáveis.

— Subtenente, sugiro veementemente que, a não ser que tenha um desejo ardente por fazer chocar este autocarro voador contra a água a quatro graus, nos leve para casa antes que a agulha do combus-

tível morra de sede. — Esboçou um sorriso ameaçador. — E, por favor, nada de interrupções.

Rapp lançou a Neth um olhar fulminante, depois encolheu os ombros e virou mais uma vez o avião de patrulha na direção da Terra Nova.

Quando o avião de patrulha da Guarda Costeira desapareceu e a última batida compassada dos seus motores se dissipou no ar frio e salgado, o vertiginoso icebergue ficou novamente rodeado pelo sossego sepulcral em que se encontrava desde que se separara de um glaciador e fora empurrado para o mar na costa oeste da Gronelândia quase um ano antes.

Então, subitamente, houve um movimento ligeiro mas visível no gelo mesmo acima da linha da água do icebergue. Duas formas indistintas transformaram-se em dois homens que se levantaram e olharam na direção da aeronave que se afastava. A mais de vinte passos de distância seriam invisíveis a olho nu; ambos vestiam fatos de neve brancos que se misturavam na perfeição contra o fundo sem cor.

Ficaram ali de pé durante algum tempo, aguardando e escutando pacientemente. Quando estavam certos que o avião de patrulha não regressaria, um dos homens ajoelhou-se e sacudiu o gelo, mostrando um pequeno radiotransmissor. Depois de esticar a antena telescópica de três metros, ajustou a frequência e começou a rodar a manivela. Não foi preciso rodar com muita força ou durante muito tempo. Havia alguém em algum sítio a monitorizar atentamente a mesma frequência e a resposta surgiu quase imediatamente.



1.

O CAPITÃO-TENENTE LEE KOSKI CERROU OS DENTES UM POUCO MAIS sobre a boquilha do cachimbo de maçaroca, escondeu os punhos cerrados cinco centímetros para dentro do corta-vento com forro de pelo e estremeceu com o frio intenso. Tinha feito quarenta e um anos dois meses antes, dezoito dos quais ao serviço da Guarda Costeira dos Estados Unidos. Koski era baixo, muito baixo, e as camadas de roupas pesadas faziam-no parecer ter tanta largura como altura. Os seus olhos azuis por detrás do seu cabelo loiro desgrenhado brilhavam com uma intensidade que parecia nunca se esbater, independentemente do seu estado de espírito. Possuía a confiança de um perfeccionista, uma qualidade que tinha ajudado em grande medida na sua escolha para comandante do quebra-gelo mais recente da Guarda Costeira, o *Catawaba*. Estava de pé na ponte como um galo de combate, de pernas afastadas, e não se seu ao trabalho de se virar quando se dirigiu à montanha humana que estava de pé a seu lado.

— Mesmo com radar, vai ser infernal encontrarem-nos neste tempo. — O seu tom de voz era tão ríspido e penetrante como o ar frio do Atlântico. — A visibilidade não deve ser mais de uma milha.

Vagarosa e intencionalmente, o Tenente Amos Dover, o Imediato do *Catawaba*, atirou uma beata de cigarro pelo ar e observou com um interesse analítico o filtro fumegante a ser apanhado pelo vento e levado por cima da ponte do navio, para a imensidão do mar.

— Não iria fazer qualquer diferença se nos encontrassem — mur-

murou por entre os lábios que estavam a ficar azuis da brisa gelada. — Da maneira como estamos desnivelados, o piloto desse helicóptero teria de ser extremamente burro ou estar completamente bêbado, ou ambos, para sequer pôr a hipótese de aterrar lá atrás. — Acenou para a popa na direção da plataforma de aterragem do *Catawaba*, já molhada da espuma do mar.

— Há pessoas que se estão a borrifar para a maneira como morrem — disse Koski severamente.

— Não se pode dizer que não foram avisados. — Dover não só se assemelhava a um grande urso, como até a sua voz parecia rosnar de algum lugar no fundo da barriga. — Dei sinal ao helicóptero logo após ter saído de St. John a informá-lo da ondulação crescente e aconselhei-os fortemente a não virem na nossa direção. A única coisa que recebi do piloto foi um amável “obrigado”.

Agora tinha começado a choviscar e a brisa de vinte e cinco nós projetava a chuva sobre o navio em camadas cortantes que rapidamente levaram os homens de serviço no convés a se apressarem a buscar os seus oleados. Felizmente para o *Catawaba* e a sua tripulação, a temperatura atmosférica mantinha-se nos 5°C, ainda a cinco graus do difícil ponto de congelação. Seria uma situação perigosa que rapidamente cobriria todo o navio num lençol de gelo.

Koski e Dover tinham acabado de vestir os seus oleados quando o altifalante na ponte crepitou mecanicamente.

— Capitão, acabámos de apanhar um sinal no radar e estamos a orientá-lo para cá.

Koski pegou no transmissor e confirmou. Depois, virou-se para Dover:

— Receio — disse casualmente — que se esteja a formar uma intriga.

— Questiona-se sobre o motivo para tanta urgência em recebermos passageiros? — perguntou Dover.

— E você não?

— Realmente, sim. Também me interrogo por que razão as ordens para esperarmos e recebermos um helicóptero civil vieram diretamente do quartel-general do Comodoro em Washington em vez do nosso próprio comando local.

— Não foi nada simpático — rosnou Koski — o Comodoro não nos ter dito o que querem estas pessoas. Uma coisa é certa, não vão aterrar num cruzeiro a caminho do Taiti...

Koski enrijeceu de repente e escutou com atenção na direção da batida inconfundível do rotor de um helicóptero. Não se conseguiu

ver por um minuto devido ao nevoeiro cerrado. De seguida, ambos os homens avistaram-no ao mesmo tempo. Vinha de oeste, pelo meio da chuva e em linha reta na direção do navio. Koski percebeu imediatamente que era uma versão civil do Ulysses Q-55 de dois lugares, uma aeronave com capacidade de atingir quase quatrocentos quilómetros por hora.

— Ele é louco se tentar — disse Dover secamente.

Koski não comentou. Agarrou de novo no transmissor e explodiu num grito para o microfone:

— Contactem o piloto desse helicóptero e digam-lhe para não tentar aterrar enquanto estamos a tentar atravessar ondas de três metros. Digam-lhe que não me responsabilizo por nenhuma atitude treloucada que ele decida fazer.

Koski esperou uns segundos com os olhos colados ao helicóptero.

— Então?

O altifalante crepitou em resposta:

— O piloto diz que agradece a sua preocupação, meu Capitão, e pede, com todo o respeito, que tenhamos alguns homens a postos para fixar o trem de aterragem no instante em que ele pousar na plataforma.

— É um sacana educado — rosou Dover. — É o máximo que posso dizer dele.

Projetando o queixo mais um milímetro para a frente, Koski agarrou novamente na boquilha do cachimbo.

— Educado, o tanas! Aquele idiota provavelmente ainda vai destruir um bom bocado do meu navio. — Depois encolheu os ombros com resignação, pegou num megafone e gritou: — Sargento Thorp! Tenha os seus homens a postos para fixarem esse helicóptero assim que aterrar. Mas por amor de Deus, mantenham-se abrigados até que esteja firmemente na plataforma e tenha uma equipa de salvamento a postos.

— Neste preciso momento — disse Dover em voz baixa, — não trocava de lugar com aqueles tipos ali em cima nem por todas as bombas sexuais de Hollywood.

Koski calculou que o *Catawaba* não podia estar diretamente contra o vento, visto que a turbulência que a estrutura superior provocava iria garantidamente atirar com a aeronave para a sua destruição. Por outro lado, se o navio estivesse paralelo à ondulação, a inclinação seria demasiada para o helicóptero aterrar firmemente na plataforma. Todos os anos de experiência e bom senso, juntamente com o conhecimento de como o *Catawaba* se comportava, fizeram com que a sua decisão fosse quase banal.

— Vamos recebê-los com o vento e o mar de bolina. Reduza a velocidade e faça a mudança de rumo necessária.

Dover assentiu e desapareceu na casa do leme. Regressou uns momentos depois.

— Estamos à bolina, conforme as suas ordens, e tão firmes quanto o mar nos permite.

Apanhados pelo frio da preocupação, Koski e Dover observavam o helicóptero amarelo-vivo à medida que este cortava o nevoeiro e se dirigia contra o vento em direção à popa do *Catawaba* num ângulo de trinta graus, por cima do rasto na água que o navio deixava para trás. Embora o vento estivesse a atingir o *Ulysses* com força, o piloto conseguia, de alguma forma, mantê-lo nivelado. A cerca de cem metros, começou a diminuir a velocidade até finalmente pairar em pleno ar como um beija-flor sobre a plataforma de aterragem que ondulava para cima e para baixo. Durante o que pareceu a Koski ser uma eternidade, o helicóptero manteve a sua altitude enquanto o piloto calculava o ponto mais alto da ré do quebra-gelo de cada vez que subia sobre uma onda que passava. Depois, abruptamente, quando a plataforma de aterragem atingiu o seu máximo, o piloto do helicóptero reduziu a altitude e o *Ulysses* aterrou de uma assentada no *Catawaba* a um mero segundo da plataforma descer novamente pelo vale da onda seguinte.

Os patins de aterragem mal tinham tocado na plataforma e já a tripulação do quebra-gelo corria pelo convés que se inclinava, começando a debater-se contra as rajadas de vento de modo a prenderem o helicóptero antes que este fosse cuspidor fora. O escape do motor parou rapidamente, as hélices do rotor abrandaram até parar e uma porta do lado do cockpit abriu-se. Então, dois homens saltaram para a plataforma de cabeça curvada contra a lufada de neblina.

— Aquele filho da mãe — murmurou Dover abismado. — Até fez parecer que não custou nada.

Koski assumiu uma expressão dura

— É bom que as credenciais deles sejam de primeira categoria e que as suas ordens venham diretamente do quartel-general da Guarda Costeira em Washington.

Dover sorriu.

— Talvez eles sejam congressistas numa visita de inspeção.

— É pouco provável — disse Koski rispidamente.

— Encaminho-os para a sua cabine?

Koski abanou a cabeça.

— Não. Apresente-lhes os meus cumprimentos e traga-os para a cantina dos oficiais. — Então, esboçou um sorriso astuto. — Neste

preciso momento, a única coisa que realmente me interessa é uma chávena de café bem quente.

Precisamente dois minutos depois, o Capitão Koski estava sentado numa mesa na cantina dos oficiais, com as mãos a envolverem calorosamente uma caneca de café puro. Estava já quase meio vazia quando a porta se abriu e Dover entrou na sala, seguido por um tipo anafado. Usava uns óculos grandes e sem armação que envolviam uma cabeça calva com cabelo comprido e grisalho à volta. Embora a primeira impressão fizesse Koski pensar no típico cientista louco, a sua cara era rechonchuda e bonacheirona e os olhos castanhos esboçavam um sorriso enrugado. O estranho viu o Comandante, dirigiu-se para a mesa e esticou a mão.

— Capitão Koski, presumo. Sou Hunnewell; Dr. Bill Hunnewell. Desculpe-me por o incomodar desta forma.

Koski levantou-se e apertou a mão de Hunnewell.

— Bem-vindo a bordo, Doutor. Sente-se, por favor, beba um café.

— Café? Não suporto café — disse Hunnewell, taciturno. — Mas dava tudo por uma chávena de cacau quente.

— Também temos cacau — disse Koski amavelmente. Recostou-se na cadeira e levantou a voz. — Brady!

Um ajudante com uma jaqueta branca apareceu vindo da cozinha. Era esguio e magro e andava com uma cadência tal que só podia ser do Texas.

— Sim, meu Capitão. O que deseja?

— Uma chávena de cacau para o nosso convidado e mais dois cafés para o Tenente Dover e... — Koski parou e olhou intrigado para trás de Dover. — Parece-me que está a faltar o piloto do Dr. Hunnewell.

— Ele vem ter connosco dentro de um minuto. — Dover apresentava um ar desagradado. Era como se estivesse a tentar fazer algum sinal de aviso a Koski. — Quis certificar-se de que o helicóptero estava firmemente preso.

Koski devolveu o olhar a Dover, pensativamente, mas acabou por abandonar a ideia.

— Aí tem, Brady. E traga a chaleira, estou a precisar de mais um.

Brady apenas acenou em assentimento e voltou para a cozinha.

Hunnewell disse:

— É um verdadeiro luxo ter quatro robustas paredes outra vez à minha volta. Estar sentado naquele papagaio a estremecer, sem nada entre mim e os elementos a não ser uma bolha de plástico, era suficiente para tornar um homem grisalho. — Passou a mão pelos escassos cabelos brancos que lhe restavam à volta da careca e sorriu.

Koski pousou a caneca, sem se rir.

— Dr. Hunnewell, parece-me que não se apercebe de quão perto esteve de perder o resto do seu cabelo e a sua própria vida também. Foi completamente imprudente do seu piloto sequer pôr a hipótese de voar neste tempo.

— Asseguro-lhe que esta viagem era obrigatória. — Hunnewell falava num tom benevolente, o mesmo tom que poderia usar para dar uma lição a uma criança. — O senhor, a sua tripulação, o seu navio têm uma tarefa vital a realizar e o tempo é o elemento crucial aqui. Não nos podemos dar ao luxo de perder um minuto que seja. — Tirou um pedaço de papel do seu bolso da frente e empurrou-o pela mesa até Koski. — Enquanto eu explico a nossa presença, tenho de lhe pedir para traçar um curso para esta posição imediatamente.

Koski pegou no papel sem o ler.

— Perdoe-me, Dr. Hunnewell, mas não estou em condições de cumprir o seu pedido. As únicas ordens que tenho do quartel-general do Comodoro foram para receber a bordo dois passageiros. Não se falou nada sobre lhe dar carta-branca para comandar o meu navio.

— Não está a compreender.

Koski deitou um olhar fulminante para Hunnewell por cima da sua caneca de café.

— Essa, Doutor, é a frase do dia. Afinal qual é a sua posição? Porque está aqui?

— Pode ficar descansado, Comandante. Eu não sou um agente inimigo com o objetivo de sabotar o seu precioso navio. Sou doutorado em Oceanografia e presentemente trabalho para a National Underwater and Marine Agency.

— Sem ofensa — disse Koski candidamente. — Mas isso continua a deixar uma pergunta por responder.

— Talvez eu possa ajudar a acalmar os ânimos — A nova voz surgiu suave mas firmemente, com uma entoação dominadora.

Koski endireitou-se na cadeira e virou-se para uma figura que estava calmamente encostada contra a porta; era um homem alto e com um aspeto entroncado. A cara bronzeada, as feições duras, quase cruéis, os olhos verdes e penetrantes, tudo sugeria que este não era um homem para se contrariar. Vestia um casaco azul e uniforme da Força Aérea, observador mas indiferente, mostrava a Koski um sorriso condescendente.

— Ah, está aí — disse Hunnewell bem alto. — Comandante Koski, deixe que lhe apresente o Major Dirk Pitt, Diretor de Projetos Especiais da NUMA.

— Pitt? — Koski ecoou secamente. Olhou para Dover e levantou o sobrolho. Dover limitou-se a encolher os ombros com um ar desconfortável. — Por acaso não é o mesmo Pitt que desmantelou aquela rede de tráfico no ano passado?

— Houve pelo menos dez outras pessoas que merecem a fatia maior dos créditos — disse Pitt.

— Um oficial da Força Aérea a trabalhar em programas oceanográficos — disse Dover; — está um pouco fora do seu elemento, não está Major?

Os traços à volta dos olhos de Pitt enrugaram-se num sorriso.

— Não estou mais do que todos os homens da Marinha que foram à Lua.

— É um bom argumento — acedeu Koski.

Brady surgiu e serviu o café e o cacau. Saiu e voltou de novo, pousando uma travessa de sanduíches antes de se retirar pela última vez.

Koski começava agora a sentir-se verdadeiramente inquieto. Um cientista de uma agência governamental proeminente não era bom. Um oficial de outro ramo militar com a reputação de aventuras perigosas eram más notícias. Mas a combinação dos dois, sentados ali, do outro lado da mesa, a dizerem-lhe o que fazer e para onde ir era uma praga absoluta.

— Como eu estava a dizer, Comandante — disse Hunnewell impacientemente. — Temos de chegar a essa posição que lhe dei o mais rapidamente possível.

— Não — disse Koski bruscamente. — Peço desculpa se a minha atitude parece teimosa, mas devem concordar que está perfeitamente dentro do meu direito recusar as vossas exigências. Enquanto capitão deste navio, as únicas ordens que estou obrigado a cumprir ou vêm diretamente do quartel-general da Guarda Costeira Local em Nova Iorque ou do escritório do Comodoro em Washington. — Parou para se servir de mais uma chávena de café. — E as minhas ordens foram para receber dois passageiros, nada mais. Eu obedeci e agora vou voltar ao meu percurso de patrulha original.

Os olhos de Pitt mediam as feições empedernecidas de Koski do mesmo modo que um serralheiro testaria uma viga de aço, à procura de alguma falha.

Endireitou-se de súbito e encaminhou-se cautelosamente para a entrada da cozinha, olhando lá para dentro. Brady estava ocupado a esvaziar um grande saco de batatas para dentro de uma enorme panela a fumar. Depois, Pitt virou-se cautelosamente e examinou o corredor por fora da cantina. Percebeu que o seu jogo estava a funcionar, Koski e

Dover trocavam olhares confusos entre os seus movimentos. Finalmente, aparentando estar certo de que não havia ninguém a escutá-los, Pitt foi para a mesa e sentou-se, aproximando-se dos dois oficiais da Guarda Costeira, baixando o tom de voz para um murmúrio.

— Muito bem, senhores, isto é o que se passa. A posição que o Dr. Hunnewell vos deu é a localização aproximada de um icebergue extremamente importante.

Koski inflamou ligeiramente, mas conseguiu controlar-se e manter um ar sério.

— E posso perguntar, Major, sem querer parecer estúpido, o que classifica como um icebergue importante?

Pitt parou para causar efeito.

— Um que tem os destroços de um navio preservados debaixo do seu manto. É uma traineira russa, para ser preciso, artilhada com os equipamentos eletrónicos de deteção mais recentes que a ciência soviética inventou até hoje. Para não falar dos códigos e dados para todo o programa de vigilância do Hemisfério Ocidental.

Koski nem pestanejou. Sem desviar os olhos de Pitt, retirou uma bolsa debaixo do seu casaco e começou a encher calmamente o seu cachimbo.

— Há seis meses — continuou Pitt, — uma traineira russa com o nome *Novgorod* navegou apenas algumas milhas ao largo da costa da Gronelândia e monitorizou as atividades da base de Mísseis da Força Aérea americana na ilha de Disko. Fotografias aéreas mostraram que o *Novgorod* tinha todo o tipo de antenas recetoras conhecidas e mais algumas. Os russos foram espertos, a traineira e a sua tripulação; trinta e cinco homens e, sim, mulheres altamente treinados nunca se aproximaram dos limites territoriais da Gronelândia. Até chegou a dar jeito aos nossos pilotos, que o usavam como ponto de referência quando havia mau tempo. A maioria dos navios-espões dos russos são rendidos de trinta a trinta dias, mas este manteve a sua posição durante uns bons três meses. O Departamento de Informação Naval começou a interrogar-se sobre a demora tão grande. Então, numa manhã de tempestade, o *Novgorod* desapareceu. Demorou quase três semanas até o seu navio de rendição aparecer. Esta demora complicou ainda mais o mistério: os russos, até esta altura, nunca tinham rompido o seu hábito de render um navio-espão antes de outro aparecer no seu posto.

Pitt parou para sacudir a cinza do cigarro para um cinzeiro.

— Só há duas rotas para o *Novgorod* tomar em direção à Rússia. Uma seria para Leningrado via o Mar Báltico e a outra seria pelo Mar de Barents para Murmansk. Os ingleses e os noruegueses asse-

guraram-nos que o *Novgorod* não tomou nenhum destes caminhos. Em suma, o *Novgorod* e a sua tripulação desapareceram algures entre a Gronelândia e a costa da Europa.

Koski pousou a sua caneca e olhou pensativamente para o seu fundo manchado.

— Parece-me um pouco estranho que a Guarda Costeira nunca tenha sido notificada. Tenho a certeza que não recebemos nenhum relatório sobre uma traineira russa desaparecida.

— Também pareceu estranho em Washington. Porque haveriam os russos de manter o desaparecimento do *Novgorod* em segredo? A única resposta lógica é que não queriam que nada do seu navio-espião mais avançado fosse encontrado por um país ocidental.

Koski curvou os lábios num sorriso sarcástico:

— Está a pedir-me que acredite que um navio-espião soviético ficou preso dentro dum icebergue? Vá lá, Major, eu deixei de acreditar em contos de fadas quando descobri que não havia Terra de Oz do outro lado do arco-íris ou um pote de ouro debaixo dele.

Pitt devolveu o sorriso a Koski:

— Seja como for, foi um dos nossos próprios aviões de patrulha que avistou um navio com as características da traineira dentro de um icebergue a 47°36'N-43°17'W.

— É verdade — disse Koski friamente, — o *Catawaba* é o navio de resgate mais próximo dessa posição, mas por que motivo as minhas ordens para o averiguar não vieram diretamente do Comando Local em Nova Iorque?

— Secretismos — respondeu Pitt. — A última coisa que os tipos em Washington queriam era um anúncio público a ser transmitido por rádio. Felizmente, o piloto da aeronave que viu o icebergue esperou até aterrar antes de fazer um relatório detalhado da localização. A ideia, claro está, é ir até à traineira antes de os russos terem a oportunidade de se aperceberem do que se está a passar. Penso que o Comandante pode imaginar o quão valiosa é para o nosso governo qualquer informação que diga respeito às frotas soviéticas de espionagem.

— Seria mais prático colocar investigadores no icebergue que sejam peritos em eletrónica e interpretação de informação sensível. — A mudança subtil no tom de voz de Koski mal se poderia chamar de amansar, mas fazia-se sentir. — Espero que não leve a mal, mas não faz sentido um piloto e um oceanógrafo.

Pitt olhou intensamente para Koski, depois para Dover e de volta a Koski.

— É uma fachada — disse baixinho, — mas com um objetivo. Os

russos não são exatamente primitivos no que diz respeito a operações de espionagem. Iriam com certeza suspeitar de aeronaves militares a circundarem uma área de mar aberto onde poucos ou nenhuns navios sequer passam. Por outro lado, é comum as aeronaves da National Underwater and Marine Agency andarem em projetos científicos em águas desoladas.

— E as suas qualificações?

— Tenho experiência a voar helicópteros no clima do Ártico — respondeu Pitt. — O Dr. Hunnewell é, sem dúvida, a autoridade mundial em formações de gelo.

— Estou a ver — disse Koski lentamente. — O Dr. Hunnewell vai estudar o icebergue antes de os tipos da espionagem aparecerem para a festa.

— É isso mesmo — assentiu Hunnewell. — Se for mesmo o *Novgorod* debaixo do gelo, cabe a mim definir a forma mais rápida de aceder ao interior do navio. Tenho a certeza que o Comandante sabe como os icebergues são demasiado arriscados para brincadeiras. São como cortar diamantes; um erro de cálculo de quem está a cortar e perde-se o prémio. Termite a mais no sítio errado e racha-se ao meio. Ou um derretimento repentino e excessivo e o centro de gravidade do icebergue muda, forçando-o a virar-se do avesso. Como pode ver, é imperativo que a massa gelada seja analisada antes de se conseguir entrar no *Novgorod* em segurança.

Koski recostou-se e relaxou visivelmente. Os seus olhos fixaram-se nos de Pitt por um segundo e, de seguida, sorriu:

— Tenente Dover!

— Meu Comandante?

— Faça um favor a estes senhores e trace um caminho para 47°36'N-43°17'W, a toda a velocidade. E informe o Comando Local em Nova Iorque sobre a nossa intenção de sair do nosso posto. — Esperou por uma mudança de expressão na cara de Pitt. Não viu nenhuma.

— Sem ofensa — disse Pitt calmamente, — mas sugiro que não envie essa indicação para o vosso Comando Local.

— Não é que eu esteja com suspeitas, Major — explicou-se Koski. — É só que não tenho o hábito de andar pelo Atlântico Norte sem avisar a Guarda Costeira por onde anda o que é deles.

— Muito bem, mas agradecia que não mencionasse o nosso destino. — Pitt apagou o cigarro. — E, por favor, notifique também os escritórios da NUMA em Washington de que o Dr. Hunnewell e eu chegámos em segurança a bordo do *Catawaba* e continuaremos o nosso voo para Reiquejavique quando o clima permitir.

Koski ergueu o sobrolho.

— Reiquejavique, Islândia?

— O nosso último destino — explicou Pitt.

Koski ia começar a dizer algo, pensou duas vezes, depois encolheu os ombros.

— É melhor levar-vos aos vossos aposentos, senhores. — Virou-se para Dover. — O Dr. Hunnewell pode partilhar a camarata com o nosso oficial de engenharia. O Major Pitt pode ficar na sua camarata, Tenente.

Pitt sorriu para Dover, depois olhou de volta para Koski.

— O melhor para me ter debaixo de olho?

— É você que o diz, não eu — respondeu Koski, surpreso com a expressão magoada que passou pela cara de Pitt.

Quatro horas depois, Pitt estava a dormir num catre que tinha sido enfiado dentro do caixão de ferro que Dover apelidava de cabine. Estava cansado, quase ao ponto de ser doloroso, mas estava a pensar demasiado para conseguir entrar no paraíso que seria um sono profundo. Uma semana antes, por esta altura, estava acompanhado por uma ruiva linda e louca por sexo no terraço do Newporter Inn com vista para a pitoresca praia de Newport na Califórnia. Recordava com gosto quando acariciava a rapariga com uma mão enquanto segurava um whisky com gelo na outra, entretido a ver os iates opulentos, como fantasmas a deslizar pela marina à luz da Lua. Agora encontrava-se só e a sofrer lamentavelmente sobre um catre duro como pedra a bordo de um quebra-gelo da Guarda Costeira algures no meio do gelo do Atlântico Norte. *Devo ser um masoquista com certificado*, pensou, *para me voluntariar para todos os projetos tresloucados que o Almirante Sandecker está sempre a conjeturar*. O Almirante James Sandecker, Diretor-Geral da National Underwater and Marine Agency, não teria gostado do termo “projeto tresloucado”; “atracar de popa” teria sido mais o seu género.

— Desculpa-me por te ter afastado do sol da Califórnia mas a sacana desta situação atracou de popa em cima de nós. — Sandecker, um homem baixo, de cabelo ruivo e cara de cão de caça, abanou com um charuto de dezoito centímetros para um lado e para o outro como se fosse um ponteiro. — Devíamos estar a fazer investigação científica submarina. Porquê nós? Porque não a Marinha? Seria de supor que a Guarda Costeira conseguisse resolver os seus próprios problemas. — Abanou a cabeça com irritação e deu um bafo no charuto. — Seja como for, temos de o fazer.

Pitt acabou de ler e depois pousou sobre a secretária do Almirante uma pasta amarela a dizer “confidencial”.

— Nunca pensei que fosse possível um navio congelar no meio de um icebergue.

— É extremamente improvável, mas o Dr. Hunnewell assegurou-me de que é possível acontecer.

— Pode ser difícil encontrar o icebergue certo, já passaram quatro dias desde o avistamento da Guarda Costeira. Esse cubo de gelo gigante pode estar já a meio caminho dos Açores.

— O Dr. Hunnewell calculou as correntes e a taxa de afastamento para uma área de cinquenta quilómetros quadrados. Se olhares com bons olhos, não vais ter dificuldade em avistar o icebergue, especialmente porque a Guarda Costeira largou um marcador de tinta vermelha por cima dele.

— Avistá-lo é uma coisa — disse Pitt pensativamente, — aterrar um helicóptero em cima dele é outra. Não teria sido mais conveniente e menos perigoso chegar por...

— Não — interrompeu Sandecker. — Nada de barcos. Se essa coisa debaixo do gelo for tão importante como eu penso que é, exceto tu e Hunnewell, quero toda a gente a oitenta quilómetros de distância.

— Pode achar isto estranho, Almirante, mas eu nunca pousei um helicóptero em cima de um icebergue.

— É bem provável que ninguém o tenha feito antes. Foi por isso que pedi que fosses o meu Diretor de Projetos Especiais. — Sandecker fez um sorriso maldoso. — Tens o hábito irritante de ser bem-sucedido a, digamos, resolver problemas.

— Desta vez — perguntou Pitt maliciosamente, — vou ter a oportunidade de me voluntariar?

— Nem podia ser doutra forma.

Pitt encolheu os ombros, rendido:

— Não sei por que motivo cedo com tanta facilidade, meu Almirante. Começo a achar que me considera o seu pombo-correio por excelência.

Um sorriso rasgado abriu-se na cara de Sandecker.

— Foste tu que o disseste, não fui eu.

O ferrolho fez um barulho e a porta da cabine abriu-se. Pitt abriu preguiçosamente um olho a tempo de ver o Dr. Hunnewell a entrar. O Doutor obeso estava a fazer malabarismos para tentar passar entre o catre de Pitt e as roupas de Dover até que chegou finalmente a uma cadeira junto a uma secretária. Suspirou ruidosamente em sintonia com o rangido de protesto da cadeira no momento em que o seu corpo se encaixou entre os apoios de braços.

— Como é que um gigante como Dover se mete nesta maldita coisa? — interrogou com espanto para ninguém em particular.

— Está atrasado — bocejou Pitt. — Contava consigo há horas.

— Não podia andar por aí a esgueirar-me pelos cantos ou a rastejar pela ventilação como se estivesse a ir para uma convenção de espões. Tive de esperar por um pretexto para vir falar consigo.

— Um pretexto?

— Sim. Uma oferta do Comandante Koski. O jantar está pronto.

— Porquê tanto subterfúgio? — perguntou Pitt com um sorriso amarelo. — Não temos nada a esconder.

— Nada a esconder! Nada a esconder! Você mente como uma virgem inocente à espera da primeira comunhão e diz calmamente que não temos nada a esconder? — Hunnewell abanou a cabeça em desespero. — Vamos parar os dois à frente de um pelotão de fuzilamento quando a Guarda Costeira souber que lhes passámos a perna para usarmos um dos quebra-gelos novos deles.

— Os helicópteros têm o péssimo hábito de não voarem cheios de ar nos depósitos de combustível — disse Pitt sarcasticamente. — Tínhamos de arranjar uma base de operações e um sítio para reabastecer. O *Catawaba* era o único navio nesta zona com as instalações adequadas. Para além disso, foi *você* que enviou aquela mensagem falsa do Comodoro da Guarda Costeira; é *você* que está entalado com essa.

— Aquela conversa incrível sobre a traineira russa desaparecida. Não pode negar que isso foi seu do princípio ao fim.

Pitt colocou as mãos atrás da cabeça e olhou para o teto:

— Achei que toda a gente gostou da história.

— Tenho de lhe dar mérito. Aquilo foi a vigarice mais bem montada que tive a infelicidade de testemunhar.

— Eu sei. Às vezes até me odeio a mim mesmo.

— Já parou para pensar o que pode acontecer quando o Comandante Koski se aperceber do nosso plano?

Pitt levantou-se e espreguiçou-se.

— Basta fazermos o que faria qualquer outro par de vigaristas americanos de carne e osso.

— E isso é? — Hunnewell incitou-o com hesitação.

Pitt sorriu:

— Só nos vamos preocupar com isso na altura certa.



2.

DE TODOS OS OCEANOS, APENAS O ATLÂNTICO É COMPLETAMENTE IMPREVISÍVEL. O Pacífico, o Índico, até o Ártico têm as suas idiossincrasias particulares, mas todos têm um traço em comum: raramente se esquecem de dar uma previsão do que se avizinha. No Atlântico não é assim, em especial a norte do 15º paralelo de latitude. No espaço de poucas horas, um mar calmo e espelhado pode transformar-se num caldeirão de espuma agitada criado por um furacão de nível 12; ou, por vezes, a natureza inconstante do Atlântico funciona ao contrário. Ventos fortes e mares revoltosos durante a noite podem dar todas as indicações de uma tempestade que se avizinha e, no entanto, quando amanhece, não há nada a não ser um espelho azulão sob um céu limpo. E assim foi para os homens no *Catawaba* quando a manhã seguinte os recebeu a navegar confortavelmente sobre uma calma paisagem marítima.

Pitt acordou devagar, os seus olhos a focavar lentamente a traseira de uns calções largos e brancos, amplamente preenchidos por Dover, que se curvava sobre uma pequena tina a lavar os dentes.

— Está tão lindo — disse Pitt.

Dover virou-se com a escova de dentes pendurada à esquerda da boca:

— Hã?

— Eu disse bom-dia!

Dover limitou-se a acenar, resmungou qualquer coisa sem sentido pelo meio da pasta de dentes e virou-se de novo para a tina.

Pitt sentou-se e escutou. O zumbido dos motores ainda se podia ouvir e o outro som mecânico que restava vinha da lufada de ar quente da ventilação. Os movimentos do navio eram tão suaves que quase não se notavam.

— Não quero parecer ser um mau anfitrião, Major — disse Dover, a sorrir, — mas sugiro que desperte. Devemos chegar à vossa área de busca dentro de uma hora e meia.

Pitt afastou os cobertores e levantou-se.

— Cada coisa a seu tempo. Que nota dá às vossas instalações no que diz respeito a pequenos-almoços?

— Temos duas estrelas Michelin — disse Dover alegremente. — Até pago eu.

Pitt lavou-se apressadamente, decidiu não se barbear e vestiu com rapidez o seu fato de aviador. Seguiu Dove até ao corredor, interrogando-se como seria possível um homem da estatura do Tenente andar pelo navio sem bater com a cabeça nas vigas baixas pelo menos umas dez vezes ao dia.

Tinham acabado de tomar um pequeno-almoço que Pitt calculava custar, pelo menos, uns quinze dólares em qualquer hotel de qualidade quando um marinheiro apareceu e disse que o Comandante Koski queria vê-los na sala de comandos da ponte. Dover seguiu-o, com Pitt a uns passos atrás, ainda a beber uma chávena de café. O Comandante e Hunnewell estavam debruçados sobre uma mesa de cartas marítimas quando entraram. Koski olhou para cima. O seu maxilar inferior já não estava espetado como a proa de um quebra-gelo e os seus intensos olhos azuis pareciam quase tranquilos.

— Bom-dia, Major. Está a gostar da sua estadia?

— Os aposentos são um pouco apertados, mas a comida é excelente.

Aquele sorriso duro mas verdadeiro veio ao de cima.

— O que acha do nosso pequeno paraíso eletrónico?

Pitt olhou rapidamente a toda a volta da sala de comandos. Parecia algo saído de um filme de ficção científica. Do chão ao teto, as quatro paredes de aço estavam escondidas atrás de uma catadupa mecânica de computadores, monitores e consolas. O equipamento estava coberto por filas intermináveis de interruptores e manómetros com etiquetas, acompanhados com luzes indicadoras suficientes para iluminar a entrada de um casino em Las Vegas.

— Estou impressionado — disse Pitt num tom casual, dando um gole no seu café. — Radares aéreos e de superfície, o equipamento de navegação Loran mais recente, com frequências médias,

altas e ultra-altas. Já para não falar de cálculos computadorizados de navegação. — Pitt falava com o ar confortável de um qualquer diretor de relações públicas ao serviço do estaleiro que montou a quilha do *Catawaba*. — O *Catawaba* vem equipado de fábrica com o equipamento mais completo de oceanografia, comunicações, navegação e aerológico que qualquer navio do mundo deste tamanho. Basicamente, Comandante, a sua embarcação foi desenhada para permanecer no meio do oceano debaixo de quaisquer condições atmosféricas e atuar como estação meteorológica, realizar operações de busca e salvamento e auxiliar na investigação oceanográfica. Posso acrescentar que é operada por dezassete oficiais, cento e sessenta recrutas e custou entre doze e treze milhões de dólares para ser construído nos estaleiros navais de Northgate em Wilmington, Delaware.

Koski, Dover e os restantes homens na sala de comandos da ponte, à exceção de Hunnewell, que permanecia concentrado na carta, estacaram. Se Pitt fosse o primeiro marciano a visitar a Terra, era impossível ter sido recebido com mais apreensão e incredulidade.

— Não fiquem surpresos, senhores — disse Pitt, sentindo regozijo. — Tenho o hábito de fazer o meu trabalho de casa.

— Estou a ver — disse Koski com um ar reservado. Era óbvio que não estava a ver. — Talvez nos possa dar uma pista sobre o motivo para ter estudado a lição com tanta dedicação.

Pitt encolheu os ombros:

— Como disse, é um hábito.

— É um hábito irritante. — Koski olhou para Pitt com uma ponta de desconfiança. — Pergunto-me se você é realmente aquilo que diz ser.

— O Dr. Hunnewell e eu somos de confiança — disse Pitt para o assegurar.

— Vamos descobri-lo com toda a certeza dentro de precisamente dois minutos, Major. — A voz de Koski passou subitamente para um tom dissimulado. — Eu também gosto de fazer o meu trabalho de casa.

— Não confia em mim — disse Pitt secamente. — É pena. A sua ansiedade psicológica não lhe serve de nada. O Dr. Hunnewell e eu não temos nem a intenção nem os meios de colocar em perigo o vosso navio e tripulação.

— Não me deu nenhum motivo para confiar em si. — Koski olhava-o com frieza, a sua voz era cortante. — Não traz nenhuma ordem escrita nem recebi nenhum aviso por rádio relativamente à sua autoridade, nada... Nada a não ser uma mensagem vaga do quartel-general

da Guarda Costeira a anunciar a vossa chegada. Saliento que qualquer um com conhecimento da nossa designação poderia enviar esse comunicado.

— Nada é impossível — disse Pitt. Não conseguia deixar de admirar a perspicácia de Koski. O Comandante tinha acertado em cheio.

— Se estiver a fazer jogo sujo, Major, não quero ter nada a ver com isso...

Koski parou para receber um comunicado de um grumete e leu-o cuidadosamente, demorando algum tempo. Ficou com um ar pensativo e estranho. Depois, franziu o sobrolho e entregou o papel a Pitt.

— Parece que é uma interminável caixa de surpresas.

Embora Pitt não aparentasse qualquer incómodo, sentiu-o com toda a certeza. A revelação do óbvio já estava em atraso e tinha tido tempo de sobra para se preparar. Infelizmente, não tinha conseguido achar uma história alternativa credível. Pitt decidiu rapidamente que havia pouco a fazer a não ser pegar no papel que o Comandante lhe estendia e mostrar-se despreocupado. Dizia:

“Relativamente ao seu pedido de esclarecimento sobre o Dr. William Hunnewell e o Major Dirk Pitt, as credenciais do Dr. Hunnewell são do mais alto calibre. Ele é Diretor do Instituto Oceanográfico da Califórnia. O Major Pitt é realmente Diretor de Projetos Especiais para a NUMA. É também filho do Senador George Pitt. Estes homens estão a desempenhar uma investigação oceanográfica vital para os interesses do governo e devem garantir-lhes todo o tipo de assistência e cortesia. Mais, é favor informar o Major Pitt que o Almirante Sandecker pede que o Major esteja atento a mulheres frígidas.” Estava assinado pelo Comodoro da Guarda Costeira.

— Está tudo dito — disse Pitt, saboreando cada sílaba até ao tuta-no. Sandecker era uma velha raposa e tinha usado a sua influência para dar a volta ao Comodoro da Guarda Costeira em confirmar tudo. Pitt respirou fundo e devolveu a mensagem a Koski.

— Deve ser bom ter amigos bem colocados — disse Koski, com uma ponta de irritação na voz.

— De vez em quando ajuda.

— Vou ter de me contentar — disse Koski pesarosamente. — A última parte, se é que não estou a violar algum voto de silêncio, era em código?

— Não é nenhum segredo — respondeu Pitt. — É apenas a maneira astuta de o Almirante Sandecker dizer ao Dr. Hunnewell e a mim para prosseguirmos para a Islândia depois de investigarmos o icebergue.

Koski ficou ali, parado, por um momento, sem dizer nada. Abanou lentamente a cabeça, confuso e ainda a estava a abanar quando Hunnewell deu um murro na mesa das cartas.

— Cá está, senhores. A localização precisa do nosso navio fantasma, mais quilómetro, menos quilómetro.

Hunnewell era fenomenal. Se estivesse consciente da tensão segundos antes, não o aparentava. Dobrou a carta e enfiou-a no bolso do seu corta-vento.

— Major Pitt, penso que será melhor levantarmos voo assim que possível.

— O Doutor é que sabe — disse Pitt afavelmente. — Posso ter o helicóptero preparado e pronto para partir em dez minutos.

— Ótimo — acenou Hunnewell. — Neste momento estamos na zona onde o icebergue foi avistado pelo avião de patrulha. Segundo os meus cálculos, à taxa de arrasto atual, o icebergue deverá chegar à borda da Corrente do Golfo amanhã. Se a estimativa da patrulha relativamente ao tamanho do gelo for correta, o icebergue já está a derreter à velocidade de mil toneladas por hora. Quando atingir a água mais quente da Corrente do Golfo, não chega a durar dez dias. A única dúvida que resta é quando se irão libertar os destroços do gelo. É possível que já se tenham perdido, mas esperemos que ainda lá estejam e assim permaneçam durante mais alguns dias.

— Qual é a sua estimativa para a distância de voo? — perguntou Pitt.

— Aproximadamente noventa milhas para as redondezas — respondeu Hunnewell.

Koski olhou para Pitt.

— Assim que levantar voo, eu reduzo a velocidade para um terço e mantenho a direção de um-zero-seis graus. Quanto tempo acha que vai demorar até regressar?

— Três horas e meia devem chegar — respondeu Pitt.

Koski parecia pensativo.

— Quatro horas; depois de quatro horas, vou para o gelo à sua procura.

— Obrigado, Comandante — disse Pitt. — Acredite que fico agradecido pela sua preocupação.

Koski acreditou.

— Tem a certeza que não posso aproximar mais o *Catawaba* da sua zona de busca? Se tiver algum acidente no icebergue ou tiver de aterrar de emergência no mar, duvido que consiga chegar a si a tempo. Em águas a cinco graus de temperatura, um homem completamente vestido tem um tempo de vida de apenas vinte e cinco minutos.

— Vamos ter de arriscar. — Pitt deu um último gole no seu café e olhou pensativamente para a chávena vazia. — Os russos já podem ter suspeitas se uma das suas traineiras tiver avistado a vossa embarcação da Guarda Costeira a passear-se numa zona fora do vosso posto de patrulha normal. É por isso que vamos de helicóptero. Conseguimos manter-nos suficientemente baixo para ao mesmo tempo evitarmos os radares e sermos difíceis de ver. A rapidez também é importante. Um helicóptero consegue entrar e sair da localização do *Novgorod* num décimo do tempo que demoraria o *Catawaba*.

— Muito bem — suspirou Koski. — Você é que manda. Certifique-se apenas de que regressa à plataforma de aterragem pelas... — Hesitou, olhando para o relógio. — O mais tardar às 10:30.— Depois sorriu. — Se se portar bem e chegar a horas, tenho um dedo de Johnnie Walker à sua espera.

Pitt soltou uma gargalhada.

— Isso é o que eu chamo de um bom incentivo.

— Não estou a gostar disto — gritava Hunnewell debaixo do barulho do motor do helicóptero. — Já devíamos ter avistado alguma coisa.

Pitt olhou para o relógio.

— Em termos de tempo, estamos bem. Ainda faltam mais de duas horas.

— Não pode voar mais alto? Se duplicarmos o nosso campo de visão, duplicamos as nossas hipóteses de detetar o icebergue.

Pitt abanou a cabeça.

— Não pode ser. Também duplicamos a possibilidade de sermos detetados. É mais seguro ficarmos nos quarenta e cinco metros de altitude.

— Temos de o encontrar hoje — disse Hunnewell com uma expressão ansiosa na sua cara rechonchuda. — Amanhã pode ser tarde de mais para tentar uma segunda vez. — Analisou por um segundo a carta que lhe cobria os joelhos, depois pegou num par de binóculos e focou-os para norte, onde flutuava um grupo de icebergues próximos uns dos outros.

— Já se apercebeu de algum icebergue que seja parecido com a descrição daquele que procuramos? — perguntou Pitt.

— Passámos por um há uma hora que parecia ter o tamanho e a configuração certos, mas não havia nenhuma tinta vermelha nas faces. — Hunnewell tirou os binóculos e percorreu o olhar por um oceano liso e crispado, entrecortado por centenas de icebergues gigantes, alguns partidos e abruptos, outros arredondados e lisos, como sólidos geométricos de papel branco atirados ao acaso sobre o mar azul.

— Isto é deprimente — lamuriou-se Hunnewell. — É a primeira vez desde as minhas aulas de trigonometria na escola que os meus cálculos falharam tanto.

— Talvez uma mudança na direção do vento tenha mudado a rota do icebergue.

— Não me parece — resmungou Hunnewell. — A massa subaquática de um icebergue é sete vezes maior que o tamanho que vemos à superfície. Não há nada a não ser uma corrente oceânica que provoque a mínima alteração nos seus movimentos. Conseguem andar exatamente a favor da corrente contra ventos de vinte nós.

— É uma força irresistível e um objeto, tudo num só.

— É isso e muito mais; é quase indestrutível. — Enquanto Hunnewell falava, fitava-o detrás dos óculos. — É claro que se partem e derretem pouco depois de serem levados para sul onde as águas são mais quentes. Mas, durante essa passagem para a Corrente do Golfo, não cedem nem às tempestades nem ao Homem. Há icebergues glaciares que já foram atingidos com torpedos, artilharia naval de 200mm, doses maciças de bombas de termite e toneladas de pó de carvão para absorver a luz solar e acelerar o processo de degelo. Os resultados foram comparáveis aos danos provocados por uma manada de elefantes depois de um bombardeamento de fisgas por uma tribo de pigmeus anémicos.

Pitt curvou abruptamente, desviando-se da face mais íngreme de um icebergue com um cume elevado; uma manobra que fez com que Hunnewell se agarrasse ao estômago.

Olhou de novo para a carta. Depois de trezentos e vinte quilómetros quadrados, não tinham chegado a lado nenhum. Disse:

— Vamos tentar para norte durante quinze minutos. Depois voltamos para este para junto do grupo de icebergues. Depois, sul durante dez minutos antes de voltarmos de novo para oeste.

— É, para já, um padrão em ziguezague para norte — disse Pitt. Inclinou ligeiramente os controlos, mantendo o helicóptero num movimento lateral até a bússola apontar para os zero graus.

Os minutos passaram e multiplicaram-se até que a fadiga começou a transparecer nas rugas cada vez maiores à volta dos olhos de Hunnewell.

— Como estamos de combustível?

— Esse é o menor dos nossos problemas — respondeu Pitt. — Os elementos que temos em falta neste momento são o tempo e o otimismo.

— Mais vale admitir — disse Hunnewell, cansado. — Já esgotei o segundo há um quarto de hora.

Pitt agarrou no braço de Hunnewell.

— Aguenta-se Doutor — disse para o encorajar. — O icebergue fugidio pode estar ao virar da esquina.

— Se estiver, é porque foi contra todos os padrões de arrasto que existem.

— A tinta vermelha de marcação poderia ter sido limpa pela tempestade de ontem?

— Felizmente, não. A tinta contém cloreto de cálcio, um ingrediente necessário para haver um tingimento profundo. Demora semanas, às vezes meses, para a mancha derreter.

— Isso deixa-nos com uma outra possibilidade.

— Eu sei o que está a pensar — disse Hunnewell diretamente. — E pode tirar isso da ideia. Trabalhei de perto com a Guarda Costeira durante mais de trinta anos e nunca os vi a cometerem um erro de posicionamento de um icebergue.

— Então é tudo. Um bloco de gelo de um milhão de toneladas evaporou-se...

Pitt não terminou a frase, em parte porque o helicóptero começava a desviar-se da rota e também por ter visto algo. Hunnewell endireitou-se de repente no seu lugar e inclinou-se para a frente, enterrando os binóculos na vista.

— Já o vi — vociferou Hunnewell.

Pitt não esperou pela ordem, inclinou o helicóptero para a frente e seguiu na direção apontada pelos binóculos de Hunnewell.

Hunnewell passou os binóculos a Pitt.

— Pegue, dê uma olhada e diga-me se estes velhos olhos não avistaram uma miragem.

Pitt fez um malabarismo com os binóculos e os controlos do helicóptero, tentando, ao mesmo tempo, impedir que a vibração do motor tremesse a vista do icebergue.

— Consegue ver a tinta vermelha? — perguntou Hunnewell ansiosamente.

— Como uma tira de morango no meio de uma bola de gelado de baunilha.

— Não compreendo. — Hunnewell abanou a cabeça. — Aquele icebergue não devia estar ali. Segundo todas as leis de correntes e deriva, devia estar a flutuar pelo menos noventa milhas a sudoeste.

Mas estava ali, sobre a linha reta do horizonte, uma gigantesca montanha de gelo, espantosamente esculpido pela natureza e grotescamente manchado por químicos humanos. Antes de Pitt ter baixado os binóculos, os cristais de gelo no icebergue refletiram o sol contra os

seus olhos, numa intensidade que atravessou as lentes. Ao ficar temporariamente sem ver, subiu de altitude e alterou a rota uns graus para eliminar o reflexo. Demorou quase um minuto para as estrelas atrás dos seus olhos se esvanecerem.

Então, repentinamente, Pitt apercebeu-se de uma sombra ténue, quase impercetível na água. Mal teve tempo para perceber o que era a forma escura enquanto o helicóptero raspava por cima das vagas azuis, a menos de cem metros dos patins de aterragem. O icebergue ainda se encontrava a uns bons onze quilómetros de distância quando deu a volta num grande semicírculo em direção a este, para o *Catawaba*.

— Que raio se passa consigo?! — exigiu saber Hunnewell.

Pitt ignorou a pergunta.

— Infelizmente, temos visitas.

— Que disparate! Não há nenhum barco ou aeronave à vista.

— Eles vieram à festa pela cave.

Hunnewell levantou as sobrancelhas, confuso. Depois descaiu devagar no seu assento.

— Um submarino?

— Um submarino.

— É provável que seja um dos nossos.

— Lamento, Doutor, não se iluda.

— Então os russos anteciparam-se a nós. — Hunnewell fez uma careta. — Meu Deus, chegámos tarde de mais.

— Ainda não. — Pitt virou o helicóptero outra vez num semicírculo, desta vez na direção do icebergue. — Conseguimos estar no icebergue dentro de quatro minutos. O submarino vai demorar pelo menos meia hora até lá chegar. Com alguma sorte, conseguimos encontrar aquilo que procuramos e sair de lá antes de a tripulação do submarino chegar.

— Isso é um bocado à justa. — Hunnewell não parecia estar muito confiante. — Quando os russos nos virem a andar de um lado para o outro no icebergue, não vão aparecer desarmados, como deve imaginar.

— Ficaria surpreendido se viessem desarmados. Na verdade, o capitão daquele submarino russo tem armamento suficiente ao seu dispor para nos fazer em bocados quando lhe apetecer. Mas aposto que não vai correr esse risco.

— O que tem ele a perder?

— Nada. Mas ganha as repercussões de um belo incidente internacional. Qualquer comandante com o posto que valha um chavo dele sabe que, de certeza, estaremos em contacto constante com a nossa

base, a reportar a posição do seu submarino e prontos para os acusar ao primeiro tiro. Este lado do Atlântico é território nosso, e ele sabe-o. Está demasiado longe de Moscovo para fazer o papel de rufião do bairro.

— Certo, certo — disse Hunnewell. — Pouse-nos lá. Suponho que levar um tiro sempre é melhor que ficar mais um minuto dentro desta misturadora enervante.

Pitt não disse mais nada. Fez a aproximação e pousou o helicóptero sem dificuldades sobre uma pequena área de gelo plano com menos de sete metros por cinco. Depois, antes de as lâminas do rotor pararem por completo, ele e Hunnewell saltaram para fora da carlinga e ficaram de pé sobre o icebergue silencioso, interrogando-se quando viria o submarino à superfície, interrogando-se sobre o que iriam encontrar debaixo do manto de gelo que os separava das águas frias e inóspitas. Não se via sinais de vida, não se sentia sinais de vida. Soprava uma brisa ligeira, mas gelada, sobre os seus rostos; mas, tirando isso, não havia nada, absolutamente nada.

3.

OS MINUTOS INTENSOS FORAM PASSADOS EM SILÊNCIO TOTAL, MINUTOS antes de Pitt ser capaz de dizer alguma coisa de importância. Quando, por fim, falou, a sua voz parecia-lhe um sussurro apagado. Porque estava a sussurrar? Hunnewell investigava o gelo a dez metros de distância, o submarino russo, agora parado à superfície, estava a quatrocentos metros da face norte do icebergue. Por fim, Pitt conseguiu chamar a atenção de Hunnewell com uma voz baixa no meio do silêncio sepulcral.

— O tempo está a acabar, Doutor. — Continuava a parecer que os russos o podiam ouvir, embora não o conseguissem fazer nem se ele estivesse a gritar a plenos pulmões.

— Não sou cego — respondeu rispidamente Hunnewell. — Vão demorar quanto tempo a chegarem aqui?

— Pelo tempo que levam a meter um barco na água, remar do submarino e desembarcar aqui, o que não deve ser mais de trezentos e cinquenta metros, vão demorar entre quinze e vinte minutos.

— Não há tempo a perder — disse Hunnewell impacientemente.

— Já consegui alguma coisa?

— Nada! — replicou Hunnewell. — Os destroços devem estar mais fundo do que eu pensava — Espetava a sonda violentamente no gelo. — É aqui, tem de ser aqui. Um navio de quarenta metros não pode ter desaparecido.

— Talvez a Guarda Costeira tenha visto um navio fantasma.

Hunnewell parou para ajustar os óculos de sol.

— A vista pode ter enganado a tripulação da patrulha de gelo, mas os radares não.

Pitt aproximou-se da porta aberta do helicóptero. O seu olhar alternou entre Hunnewell e o submarino e, um segundo depois, estava a olhar pelos binóculos. Analisou as figuras minúsculas que saíam das escotilhas da silhueta baixa do submarino e viu-as a correrem rapidamente pelo convés molhado pelo mar. Em menos de três minutos, um barco insuflável grande foi largado pelo casco, onde embarcou um grupo de seis homens com uma variedade de armas automáticas. Depois, um som indefinido viajou pela água ondulante. O som foi o suficiente; o suficiente para Pitt reduzir drasticamente a sua estimativa de chegada original.

— Eles vêm aí. Cinco, talvez seis, não tenho a certeza.

— Estão armados? — A pergunta de Hunnewell parecia ser ansiosa.

— Até aos dentes.

— Meu Deus, homem! — gritou Hunnewell num tom irritado. — Não fique aí parado a olhar. Ajude-me a encontrar os destroços.

— Esqueça. — A voz de Pitt parecia despreocupada. — Vão chegar daqui a cinco minutos.

— Cinco minutos? Você tinha dito...

— Não estava a contar que o barco tivesse motor.

Hunnewell olhou abismado para o submarino.

— Como é que os russos descobriram os destroços? Como é possível eles conhecerem a localização?

— Não foi nada de mais — respondeu Pitt. — Com certeza um dos seus agentes do KGB em Washington obteve o relatório de avistamento da Guarda Costeira; não é propriamente um segredo de Estado; e depois enviaram todas as traineiras de pesca e submarinos que tinham para esta parte do Atlântico à procura do aglomerado de gelo. É uma coincidência infeliz para nós, mas sortuda para eles que tenhamos descoberto o icebergue ao mesmo tempo.

— Parece que deitámos tudo a perder — disse Hunnewell desanimado. — Eles ganharam e nós perdemos. Raios, se apenas conseguíssemos localizar o casco do navio, podíamos ao menos destruí-lo com bombas de termite e mantê-lo fora do alcance dos russos.

— Os despojos são do vencedor — murmurou Pitt. — Um milhão de toneladas do mais puro gelo da Gronelândia que há em todo o oceano Atlântico.

Hunnewell ficou confuso, mas não disse nada. A aparente indiferença de Pitt não fazia sentido.

— Diga-me, Doutor — continuou Pitt, — qual é o dia de hoje?
— O dia? — disse Hunnewell estupefacto. — É quarta-feira, 28 de março.

— Estamos adiantados — disse Pitt. — Três dias adiantados para o dia das mentiras.

Hunnewell falou numa voz ríspida e dura:

— Não é a altura nem o lugar para trivialidades.

— Porque não? Pregaram-nos uma enorme partida a nós e àqueles palhaços ali. — Pitt apontou para a equipa que se aproximava rapidamente. — Você, eu, os russos, somos todos os protagonistas da maior comédia que alguma vez se viu no Atlântico Norte. O clímax do último ato sucede quando todos descobrirmos que não há nenhum navio dentro deste icebergue. — Parou para expirar uma nuvem de fumo. — Na verdade ele nunca existiu.

Hunnewell estava totalmente confuso e com uma ponta de esperança.

— Continue — pediu.

— Para além do contacto do radar, a tripulação do avião de patrulha reportou que viram a silhueta de um navio no gelo, no entanto, nós não vimos nada antes de aterrarmos. Isso, por si só, não bate certo. Eles estavam numa aeronave a voar a cerca de trezentos quilómetros por hora. Nós devíamos ter mais facilidade de o avistar a partir de um helicóptero a pairar no ar.

Hunnewell tinha um ar pensativo. Parecia estar a medir o que Pitt dissera.

— Não tenho a certeza do que está a sugerir. — Depois sorriu, subitamente, na sua maneira de ser habitual. — Mas já começo a entender a sua mente astuta. Deve ter alguma carta na manga.

— Não é magia. Você próprio o disse, de acordo com todas as leis das correntes e deriva, este icebergue devia estar a flutuar noventa milhas a sudoeste.

— É verdade. — Hunnewell olhou para Pitt com um respeito redobrado. — E em conclusão, no que está a pensar exactamente?

— Não é o quê, mas sim quem, Doutor. Alguém que nos está a enviar a todos em algo que se chama caça aos gambuzinos. Alguém que removeu o tingimento do icebergue que continha o navio perdido e espalhou mais do mesmo por cima de um falso a noventa milhas fora do percurso.

— É claro, o icebergue que sobrevoámos há horas. Tinha o mesmo tamanho, configuração e peso, mas sem mancha vermelha.

— É aí que vamos encontrar o nosso navio mistério — disse Pitt. — Exatamente onde os seus cálculos diziam estar.

— Mas quem está a manipular-nos? — perguntou Hunnewell, com um ar carrancudo e pensativo. — É óbvio que não são os russos, eles estão tão enganados como nós estávamos.

— Para já não interessa — disse Pitt. — O importante é que façamos as nossas despedidas deste palácio de gelo e levantemos voo para bem longe. Os nossos convidados-surpresa acabaram de chegar. — Acenou para o fundo da colina do icebergue. — Ou será que não reparou?

Hunnewell não tinha reparado. Mas agora já os via. O primeiro homem do grupo vindo do submarino saltava para a extremidade do gelo. Passados alguns segundos, cinco deles subiram para cima do icebergue e caminharam cautelosamente na direção de Pitt e Hunnewell. Estavam vestidos de preto, eram fuzileiros russos, e estavam bem armados. Mesmo a cem metros, Pitt conseguia ver o ar inconfundível de homens que sabiam exatamente o que queriam fazer.

Pitt entrou para o helicóptero com calma, virou o botão da ignição e ligou-a. Ainda as lâminas do rotor não tinham dado a sua primeira volta completa e já Hunnewell se tinha prendido ao assento do passageiro com o cinto de segurança firmemente preso.

Antes de fechar a porta do cockpit, Pitt inclinou-se para fora, juntou as mãos à boca e gritou para os russos que se aproximavam:

— Boa estadia, mas não se esqueçam de apanhar o vosso lixo.

O oficial que liderava os homens do submarino parou para ouvir, depois encolheu os ombros sem ter compreendido. Tinha a certeza que Pitt dificilmente iria gritar em russo para que ele entendesse. Como se estivesse a sinalizar os ocupantes do helicóptero de que as suas intenções eram pacíficas, o oficial baixou a arma e fez continência enquanto Pitt e Hunnewell cediam a posse do icebergue e subiam de altitude na direção do céu azul cristalino.

Pitt não se apressou, mantendo o helicóptero à velocidade mínima e em direção a norte durante quinze minutos. Então, depois de estarem fora de vista e do alcance do radar, deu a volta para sudoeste num grande círculo e pelas onze e quinze tinham encontrado os destroços.

À medida que se aproximavam do colosso de gelo, Pitt e Hunnewell partilharam uma estranha sensação de vazio. Não era apenas o fim de longas horas de incerteza — já tinham ultrapassado o limite estabelecido por Koski — era o aspeto estranho do próprio navio-mistério. Nenhum dos dois tinha visto uma coisa como aquela. O ar à volta do icebergue era de uma desolação assustadora que não parecia

ser terrena mas de algum planeta distante e estéril. Só os raios de Sol conseguiam quebrar a estagnação, penetrando no gelo e distorcendo os traços do casco do navio e supraestrutura numa série de sombras abstratas em constante mudança. A imagem parecia ser tão surreal que era difícil para Pitt aceitar a evidência de que aquilo existia de facto. À medida que ajustava os controlos e descia o helicóptero para o gelo, quase esperava que o navio enclausurado desaparecesse.

Pitt tentou aterrar num ponto macio perto do limite do icebergue, mas o ângulo inclinado do gelo era demasiado elevado e acabou por aterrar diretamente acima dos destroços. Hunnewell saltou para fora do helicóptero um segundo antes de os patins tocarem no gelo e já estava a andar da proa à popa do navio quando Pitt se juntou a ele.

— É estranho — murmurou Hunnewell, — é muito estranho. Não há nada acima da superfície, nem mesmo os mastros e a antena do radar. Todos os milímetros estão completamente enclausurados no gelo.

Pitt tirou um lenço do seu casaco de aviador e assoou-se. Depois cheirou o ar, como se o estivesse a testar.

— Cheira-lhe a algo fora do comum, Doutor?

Hunnewell inclinou a cabeça para trás e inspirou lentamente.

— Há um odor qualquer. Mas é demasiado ténue. Não o consigo distinguir.

— Não se dá com as companhias certas — disse Pitt a sorrir. — Se saísse do seu laboratório mais vezes e aprendesse um pouco da vida, reconheceria o aroma inconfundível de lixo queimado.

— De onde vem?

Pitt acenou para os destroços debaixo dos pés de ambos.

— Que outro sítio senão lá de baixo?

Hunnewell abanou a cabeça.

— Não é possível. É um facto científico que não se consegue sentir o cheiro de uma substância inorgânica dentro de um bloco de gelo.

— A velha narigueta nunca mente. — O calor do meio-dia estava a começar a sobrepor-se ao frio, por isso Pitt desapertou o casaco. — Deve haver uma fuga no gelo.

— Você e o seu nariz inteligente — disse Hunnewell num tom cáustico. — Sugiro que pare de brincar aos cães de caça e comece a colocar as cargas de termite. A única maneira de entrarmos nos destroços é se derretermos o manto de gelo.

— Vamos correr um risco.

— Confie em mim — disse Hunnewell suavemente. — Não vou

partir o icebergue ao meio e perder o navio, o helicóptero e nós mesmos. Tenciono começar por cargas pequenas e descer passo a passo.

— Não estava a pensar no icebergue. Estava a pensar no navio encalhado. Há boas hipóteses de os tanques de combustível se terem rompido e terem libertado gasóleo a todo o comprimento da quilha. Se falharmos nos cálculos e incendiarmos uma gota que seja, o navio todo rebenta de uma vez só.

Hunnewell bateu com o pé no gelo comprimido.

— Como propõe que atravessemos isto, com uma picareta?

— Dr. Hunnewell — disse Pitt baixinho, — não vou contestar que o seu nome é conhecido por toda a parte devido ao seu intelecto altamente científico. No entanto, tal como a maioria dos sobredotados, a sua profundidade mental para assuntos práticos e básicos do dia a dia infelizmente é fraca. Cargas de termite, picaretas diz você. Para quê incomodarmo-nos com esquemas complexos e cansativos quando nos basta dizer “abre-te sésamo”?

— Isto debaixo de si é gelo glacial — disse Hunnewell. — É duro e é sólido. Não se pode atravessar.

— Lamento, meu caro, mas está completamente enganado — disse Pitt.

Hunnewell olhou para ele desconfiado.

— Prove-o!

— Onde eu quero chegar é que o trabalho já foi feito. O nosso Maquiavel e o seu bando de ajudantes obviamente já cá estiveram antes de nós. — Apontou teatralmente para cima. — Olhe, por favor.

Hunnewell levantou o sobrolho, curioso, olhou para cima e analisou minuciosamente a face larga da inclinação de gelo. Ao longo dos limites exteriores e perto da base, apenas a alguns metros de onde Pitt e Hunnewell estavam, o gelo era liso e contínuo. Mas desde o cume até meio da inclinação, o gelo estava manchado como a superfície da Lua.

— Ora bem — murmurou Hunnewell, — parece que alguém teve bastante trabalho a remover a mancha de tinta vermelha da Patrulha de Gelo. — Olhou de forma inexpressiva para o cume do gelo, depois virou-se de novo para Pitt. — Porque é que tirariam a tinta à mão quando podiam ter facilmente eliminado todos os vestígios com explosivos?

— Não sei responder a isso — disse Pitt. — Talvez tivessem medo de rachar o icebergue ou talvez não tivessem explosivos, quem sabe? Mesmo assim, sou capaz de apostar um mês de salário em como os nossos amiguinhos espertos fizeram mais do que lascar gelo. Quase de certeza arranjarão maneira de entrar no navio.

— Então a única coisa que temos a fazer é encontrar um sinal a piscar que diga “entrada” — disse Hunnewell num tom sarcástico. Não estava habituado a que lhe levassem a melhor e a sua expressão mostrava que não gostava da sensação.

— Um ponto macio no gelo será o mais apropriado.

— Suponho — disse Hunnewell — que está a sugerir uma cobertura de camuflagem ou algum género de túnel de gelo.

— Isso já me passou pela cabeça.

O Doutor olhou para Pitt por cima dos óculos.

— Vamos embora, então. Se ficarmos aqui a teorizar durante mais tempo, é provável que os meus testículos congelem completamente.

Não deveria ter sido muito difícil, nem por sombras, no entanto não correu tão facilmente como Pitt estava à espera. Aconteceu o imprevisível quando Hunnewell escorregou na colina e caiu desamparado até uma ravina íngreme que ia até ao mar gelado. Caiu para a frente, tentando desesperadamente agarrar-se ao gelo, arranhando com as unhas e curvando-se dolorosamente para trás ao longo da superfície dura. Abrandou por um momento, mas não o suficiente. A sua queda foi tão abrupta que os seus tornozelos já estavam de fora da ravina de dez metros antes de sequer pensar em gritar por ajuda.

Pitt estava ocupado a tentar libertar um bloco de gelo solto quando ouviu o grito. Virou-se, viu Hunnewell a debater-se desesperadamente, teve uma imagem repentina de quão impossível seria salvá-lo se o Doutor caísse na água gelada e, num único movimento, arrancou o casaco e atirou-se pela colina num voo, de pés, com as pernas levantadas pelo ar.

Na cabeça em pânico de Hunnewell, o movimento de Pitt parecia ser um gesto de pura loucura.

— Oh, meu Deus, não, não — gritou. Mas não havia nada que pudesse fazer a não ser olhar para Pitt a atirar-se na sua direção como um trenó. Talvez houvesse uma hipótese, pensou, se Pitt tivesse ficado no icebergue. Agora parecia ser certo que ambos os homens iriam morrer juntos na água gelada. Vinte e cinco minutos, eram as palavras do Comandante Koski que ouvia na cabeça; vinte e cinco minutos era tudo o que uma pessoa tinha para se manter viva em águas a cinco graus. E nem que tivessem todo o tempo do mundo, nunca conseguiriam agarrar-se às paredes íngremes do icebergue.

Se tivesse tido segundos preciosos para pensar sobre isso, Pitt teria certamente concordado com Hunnewell; realmente parecia um louco a escorregar pelo gelo com os seus pés ao alto, por cima da cabeça. De súbito, a apenas uma perna de distância antes de chocar contra Hunnewell, Pitt baixou os pés furiosamente, com uma força e rapidez

que, mesmo naquela situação desesperada, fez com que rosnasse de dor assim que os seus calcanhares partiram o gelo, se enterraram firmemente e o fizeram parar de uma assentada, levando os músculos ao limite. Depois, como que levado pelo instinto, no mesmo movimento atirou uma manga do seu casaco para Hunnewell.

O cientista completamente assustado não precisou de indicações. Segurou-se ao tecido de nylon com um aperto mais forte que qualquer torno e manteve-se agarrado, a tremer durante quase um minuto, à espera que o seu coração de meia-idade abrandasse para apenas algumas batidas acima do normal. Atemorizado, deitou o olhar para o lado e viu o que os seus sentidos entorpecidos não conseguiam sentir; a borda da ravina de gelo cortava-o na barriga pelo umbigo.

— Quando lhe apetercer — disse Pitt com uma voz calma mas marcada por um distinto vestígio de tensão, — tente puxar-se na minha direção.

Hunnewell abanou a cabeça.

— Não consigo — murmurou, rouco. — Isto é tudo o que consigo fazer para me segurar.

— Consegue encontrar um apoio para os pés?

Hunnewell não respondeu. Apenas abanou a cabeça de novo.

Pitt dobrou-se entre as pernas esticadas e agarrou o casaco com mais força.

— Estamos aqui sentados devido à cortesia de dois tacões de borracha, e não espigões de aço. Não é preciso muito mais para o gelo se rachar à volta deles. — Esboçou um sorriso encorajador para Hunnewell. — Não faça movimentos súbitos. Vou tentar puxá-lo para longe da ravina.

Desta vez Hunnewell acenou. Sentiu uma dor de estômago, as pontas dos dedos latejavam, a sua cara coberta de suor refletia o seu terror e dor. Uma coisa e apenas uma conseguia atravessar o medo que o cobria: o ar determinado nos olhos de Pitt. Hunnewell olhou para aquela cara magra e bronzeada e, naquele momento, sabia que a força interior e confiança de Pitt estavam a ganhar terreno na sua própria mente amedrontada.

— Pare com esse sorriso enervante — disse vagamente — e comece a puxar.

Cautelosamente, um centímetro de cada vez, Pitt içou Hunnewell lentamente. Demorou uns penosos sessenta segundos até ter a cabeça de Hunnewell num plano entre os seus joelhos. Depois, Pitt, com uma mão de cada vez, largou o casaco e agarrou em Hunnewell por baixo dos braços.

— Isto foi a parte mais fácil — disse Pitt. — O próximo exercício é consigo.

Com as mãos livres, Hunnewell limpou a testa suada a uma manga.

— Não garanto nada.

— Os seus separadores, tem-nos consigo?

O olhar de Hunnewell ficou vazio por um segundo. Depois aceitou.

— Estão no meu bolso interior junto ao peito.

— Ótimo — murmurou Pitt. — Agora trepe por cima de mim e estique-se ao comprido. Quando os seus pés estiverem firmemente por cima dos meus ombros, tire os separadores e espete-os no gelo.

— Um piton! — exclamou Hunnewell, compreendendo de súbito. — É muito esperto, Major.

Hunnewell começou a trepar sobre o corpo prostrado de Pitt, mostrando a dificuldade de um comboio a subir uma montanha íngreme, mas conseguiu. Depois, com as mãos de Pitt firmemente agarradas aos seus tornozelos, Hunnewell tirou os separadores com pontas de aço que usava normalmente para calcular distâncias em cartas marítimas e enterrou-os profundamente no gelo.

— Já está — rosnou Hunnewell.

— Agora vamos repetir o processo — disse Pitt. — Consegue aguentar-se?

— Rápido — disse Hunnewell. — As minhas mãos estão a ficar dormentes.

Devagar, com um calcanhar ainda cravado no gelo como precaução, Pitt testou o seu peso nas pernas de Hunnewell. Os separadores estavam a aguentar-se firmemente. Rápida e suavemente como um gato, Pitt trepou para lá de Hunnewell, sentiu as suas mãos agarrarem-se para lá da inclinação onde já era plano e arrastou-se para chão firme. Não deitou um segundo a perder. Quase de imediato, pelo que Hunnewell se conseguiu aperceber, Pitt atirou uma corda de nylon do helicóptero. Meio minuto depois, o oceanógrafo pálido e exausto estava sentado aos pés de Pitt.

Hunnewell soltou um grande suspiro e olhou para a cara aliviada de Pitt.

— Sabe o que vou fazer assim que chegarmos à civilização?

— Sim — disse Pitt a sorrir. — Vai pagar-me o melhor jantar *gourmet* de Reiquejavique inteira, toda a bebida que eu conseguir beber e apresentar-me a uma islandesa sensual, roliça e ninfomaniaca.

— O jantar e a bebida são seus; devo-lhe pelo menos isso. Quanto à ninfomaniaca, não posso prometer nada. Já passaram tantos anos

desde que eu negocieei pelos encantos de uma mulher que receio ter perdido o jeito.

Pitt riu-se, deu uma palmada no ombro de Hunnewell e ajudou-o a levantar-se.

— Não se preocupe, meu caro. Reparigas são o meu departamento. — Parou abruptamente e disse, preocupado: — As suas mãos parecem ter sido passadas por uma lixa.

Hunnewell ergueu as mãos e olhou para os dedos ensanguentados com indiferença.

— Não é tão mau como parece. Com um pouco de antisséptico e uma manicura ficam como novas.

— Vamos — disse Pitt. — Há um estojo de primeiros socorros no helicóptero. Eu trato delas.

Uns minutos depois, assim que Pitt fez um nó no último penso, Hunnewell perguntou:

— Encontrou algum vestígio de um túnel antes de eu ter dado aquela queda?

— Fizeram um trabalho perfeito — respondeu Pitt. — Toda a circunferência que tapa a entrada tem um rebordo que encaixa perfeitamente no gelo circundante. Se alguém não tivesse sido descuidado e não tivesse cortado um apoio de mão, eu nunca teria notado.

Hunnewell ficou subitamente com um ar soturno.

— Maldito icebergue — disse, sombriamente. — Juro que tem alguma coisa contra nós.

Dobrou os dedos e analisou solenemente as oito pequenas ligaduras que tapavam as pontas dos dedos. Os seus olhos e a sua cara pareciam cansados.

Pitt deu uma volta e levantou uma placa de gelo com três metros de diâmetro e vinte centímetros de espessura, revelando um túnel grosseiro por onde mal passava uma pessoa. Afastou instintivamente a cabeça ao sentir um fedor forte e enjoativo a tinta queimada, tecido e combustível, misturado com metal fundido vindo da abertura.

— Isto devia ser prova de que eu consigo detetar odores através de cubos de gelo — disse Pitt.

— Sim, passou no teste olfativo — disse Hunnewell, presunçoso. — Mas falhou totalmente na sua teoria das cargas de termite. Lá em baixo não há nada a não ser um monte de destroços queimados. — Parou para fitar Pitt com um ar entendido por cima dos óculos. — Podíamos fazer detonações até ao verão sem provocar danos aos destroços.

Pitt encolheu os ombros

— Umás vezes ganha-se, outras perde-se. — Passou uma lanterna

suplente a Hunnewell. — Eu vou à frente. Dê-me cinco minutos antes de seguir atrás de mim.

Hunnewell agachou-se na entrada do túnel e Pitt ajoelhou-se para entrar.

— Dois. Vou dar-lhe dois minutos de avanço, mais não. Depois sigo atrás de si.

O tubo, iluminado pelos raios dispersos do Sol que passavam pelos cristais de gelo, descia num ângulo de trinta graus durante seis metros, parando nas placas de aço escurecido do casco, queimadas e curvadas. Por esta altura o cheiro era tão forte que Pitt tinha dificuldade em respirar. Ignorou o odor incomodativo e arrastou-se até trinta centímetros do metal queimado pelo fogo, descobrindo ali que o túnel curvava e percorria paralelamente o casco por mais três metros, acabando finalmente numa escotilha, violentamente torcida e deformada. Mal conseguia imaginar o calor extremo responsável por aquilo.

Rastejou por cima da borda rasgada da escotilha, levantou-se e usou a lanterna para analisar as paredes manchadas pelo calor. Era impossível perceber a finalidade do compartimento. Todos os milímetros estavam marcados pela intensidade do fogo. Pitt sentiu subitamente medo do desconhecido. Ficou completamente quieto durante alguns momentos, obrigando a sua mente a recuperar o controlo das suas emoções antes de passar por cima dos escombros na direção da porta que conduzia a um beco e apontou a lanterna para a escuridão à frente.

A luz tocava nas paredes até ao fim das escadas para o convés inferior. O corredor estava despido à exceção das cinzas carbonizadas de um tapete. Era o silêncio que era intimidante. Não se ouvia o ranger de placas, a vibração de motores, o som de água a bater contra um casco com algas incrustadas, nada. Apenas se sentia o vazio com a sua completa ausência de som. Hesitou na entrada por um longo minuto. O seu primeiro pensamento, que era mais uma certeza, era que algo de muito errado tinha acontecido aos planos do Almirante Sandecker. Não era de todo o que lhes tinha sido dito que encontrariam.

Hunnewell saiu pela escotilha e juntou-se a ele. Colocou-se ao lado de Pitt a olhar para as paredes mascarradas, o metal distorcido e cristalizado e as dobradiças derretidas que, em tempos, tinham segurado uma porta de madeira. Cansado, encostou-se contra a porta com os olhos semicerrados, sacudindo a cabeça como se estivesse a sair de um estado de transe.

— Vamos encontrar muito pouco que nos seja útil.

— Não vamos encontrar nada — disse Pitt firmemente. — O que o fogo não tocou, com toda a certeza terá sido levado pelos nossos

amigos desconhecidos. — Como que para comprovar as suas palavras, apontou a lanterna para o convés, mostrando várias pegadas, umas sobre as outras, sobre as cinzas que percorriam para cá e para lá da escotilha aberta. — Vamos ver o que eles têm andado a fazer.

Saíram para o corredor, passando pelas cinzas e os destroços no convés, foram para o compartimento seguinte e entraram. Tinha sido a sala de comunicações. A maioria das ruínas mal se conseguia distinguir. O mobiliário era um esqueleto de madeira carbonizada, os restos do equipamento de rádio eram um monte amorfo de metal derretido e pingas endurecidas de soldadura queimada. Por esta altura já tinham os sentidos acostumados ao fedor avassalador e ao ambiente carbonizado e grotesco, mas não estavam preparados para a forma horrivelmente deformada no convés.

— Oh, meu Deus! — gaguejou Hunnewell. Deixou cair a lanterna, que rolou pelo convés e parou encostada aos restos mortais de uma cabeça perturbadoramente desfigurada, iluminando o crânio e dentes que irrompiam da carne incinerada.

— Não invejo a morte dele — murmurou Pitt.

A imagem horrível era demasiado para Hunnewell. Cambaleou para um canto e não parou de vomitar durante vários minutos. Quando voltou finalmente para o lado de Pitt, parecia que tinha acabado de se erguer da campa.

— Peço desculpa — disse timidamente. — Nunca tinha visto um corpo cremado antes. Não fazia a menor ideia do seu aspeto; na verdade, nunca pensei muito nisso. Não é bonito de se ver, não acha?

— Nenhum cadáver é bonito de se ver — disse Pitt. Ele próprio começava a sentir-se enjoado. — Se aquele monte de cinzas no convés é indicador do que vem aí, devemos encontrar pelo menos catorze iguais àquele.

Hunnewell sorriu com nervosismo enquanto se curvava para pegar na lanterna. Depois retirou um bloco de notas do bolso, segurou na lanterna por debaixo do braço e folheou por várias páginas.

— Sim, tem razão. O navio partiu com seis tripulantes e nove passageiros, quinze ao todo. — Atrapalhou-se um pouco até encontrar mais uma página. — Este pobre coitado deve ser o operador de rádio; Svendborg, Gustav Svendborg.

— Talvez sim, talvez não. O único que nos pode dizer com certeza é o dentista dele. — Pitt contemplava o que, em tempos, tinha sido um homem vivo e de carne e osso e tentava imaginar como teria sido o seu fim. Uma parede de chamas vermelhas e laranja, quente como uma fornalha; um grito abismal, o choque escaldante da dor que levou

a mente a uma loucura instantânea e os membros a abanarem-se numa contorcida dança de morte. Morrer pelo fogo, refletiu, com os últimos segundos de vida numa agonia indescritível era um fim que qualquer ser vivo, homem ou animal, abominava.

Pitt ajoelhou-se e analisou o corpo mais de perto. Semicerrou os olhos e apertou os lábios. Devia ter acontecido quase como ele tinha visualizado, mas não totalmente. O corpo carbonizado estava encolhido na posição fetal com os joelhos encostados quase até ao queixo e os braços completamente abraçados e esticados, contraídos pelo calor intenso sobre a pele. Mas havia mais qualquer coisa que chamou a atenção de Pitt. Apontou a lanterna para o convés ao lado do corpo, iluminando tenuemente as pernas de metal contorcido da cadeira de metal do operador de rádio, no local onde estas saíam de baixo dos seus restos mortais desfigurados.

Hunnewell, completamente pálido, perguntou:

— O que vê de tão interessante nessa coisa macabra?

— Repare bem — disse Pitt. — Parece que o pobre Gustav estava sentado quando morreu. A sua cadeira ardeu literalmente debaixo dele.

Hunnewell não disse nada, apenas olhou para Pitt confuso.

— Não lhe parece estranho — continuou Pitt — que um homem arda calmamente até à morte, sem se dar ao trabalho de se levantar ou fazer o que for para fugir?

— Não é nada estranho — disse Hunnewell friamente. — O fogo provavelmente atingiu-o enquanto estava debruçado sobre o transmissor a enviar um pedido de auxílio. — Voltou a engasgar-se do enjoo. — Meu Deus, não lhe estamos a fazer favor nenhum com as nossas conjeturas. Vamos sair daqui e investigar o resto do navio enquanto eu ainda consigo andar.

Pitt assentiu, virou-se e passou pela porta. Juntos, encaminharam-se para as entranhas do navio. A casa das máquinas, a galé, o salão; em todos os sítios onde iam eram confrontados com o mesmo cenário horripilante de morte da sala de comunicações. Pela altura em que descobriam o décimo terceiro e o décimo quarto corpos na casa do leme, o estômago de Hunnewell estava lentamente a ficar imune. Consultou o seu bloco de notas mais algumas vezes, marcando algumas páginas com um lápis até que, entre as capas, apenas restava um nome que não tinha sido cuidadosamente riscado.

— É tudo — disse, fechando o livro. — Encontrámo-los a todos à exceção do homem que procurávamos.

Pitt acendeu um cigarro, largou uma longa nuvem de fumo azul e pareceu ponderar por um momento.

— Estavam todos de tal maneira carbonizados que era impossível reconhecê-los; podia ser qualquer um deles.

— Mas não era — disse Hunnewell, convicto. — Não é difícil identificar o cadáver certo, pelo menos para mim. — Parou. — Eu conhecia o nosso alvo bastante bem, sabia?

Pitt levantou o sobrolho — Não, não sabia.

— Não é nenhum segredo. — Hunnewell bafejou as lentes dos óculos e limpou-as com um lenço. — O homem por quem nós mentimos, conspirámos e arriscámos as nossas vidas para encontrar, e que, infelizmente, parece estar morto, frequentou uma das minhas aulas no Instituto Oceanográfico há seis anos. Era um tipo brilhante. — Gesticulou na direção das duas figuras cremadas no convés — É uma pena que tenha acabado desta maneira.

— Como pode ter a certeza que o consegue distinguir dos outros? — perguntou Pitt.

— Pelos seus anéis. Ele tinha um fascínio por anéis. Usava-os em todos os dedos à exceção dos polegares.

— Anéis não identificam uma pessoa com toda a certeza.

Hunnewell sorriu um pouco.

— Também lhe falta um dedo do pé esquerdo. Isso serve?

— Serve — disse Pitt pensativamente. — Mas não encontramos nenhum cadáver que se qualifique. Já procurámos por todo o navio.

— Todo, não. — Hunnewell puxou uma tira de papel de dentro do caderno e desdobrou-a à luz da lanterna. — Isto é um esboço da embarcação. Encontrei uma cópia do original nos arquivos marítimos. — Apontou para o papel vincado. — Veja aqui, logo a seguir à sala dos mapas. Há uma escada estreita que desce para um compartimento diretamente por baixo de um túnel falso. É a única entrada.

Pitt analisou o esboço grosseiro. Depois, virou-se e foi para fora da sala dos mapas.

— Há realmente uma abertura aqui. A escada está completamente queimada, mas há corrimão suficiente para suportar o nosso peso.

O compartimento isolado, situado no centro absoluto do casco, mas sem nenhuma vigia, estava ainda mais danificado que o resto. A chapa de metal nas paredes estava curvada para fora, amolgada como folhas enrugadas de papel de parede. Parecia vazio. Não restava nada que sequer se assemelhasse a mobiliário depois do incêndio. Pitt estava prestes a ajoelhar-se para remexer nas cinzas à procura de sinais de um corpo, quando Hunnewell gritou.

— Aqui! — E caiu de joelhos. — Aqui no canto. — Hunnewell apontou a lanterna para a silhueta do que tinha, em tempos, sido um

homem, mas era agora um monte de ossos carbonizados que mal se distinguiam. Apenas se conseguiam distinguir pedaços do maxilar e pélvis. Depois encostou-se ao chão e limpou cuidadosamente uma área dos restos mortais. Quando Hunnewell se levantou, segurava vários pedaços pequenos de metal distorcido.

— Talvez não sejam provas absolutas. Mas são o mais concreto que vamos conseguir.

Pitt pegou nos bocados de metal fundido e colocou-os debaixo da luz da sua lanterna.

— Lembro-me dos anéis bastante bem — disse Hunnewell. — Estavam ricamente trabalhados e tinham oito pedras semipreciosas originárias da Islândia incrustadas. Cada uma delas estava trabalhada à imagem de um deus nórdico.

— Parece admirável, mas berrante — disse Pitt.

— Para si, que é um estranho, sim — retorquiu Hunnewell silenciosamente. — No entanto, se o tivesse conhecido... — A sua voz esvaiu-se.

Pitt olhou para Hunnewell intrigado.

— Você cria sempre ligações sentimentais com os seus alunos?

— Um génio, um aventureiro, um cientista e uma lenda. Já era o décimo homem mais rico do mundo antes de chegar aos vinte e cinco anos. Era uma pessoa bondosa e gentil, completamente imperturbado com a sua fama e riqueza. Sim, penso que se pode dizer sem margem de dúvidas que uma amizade com Kristjan Fyrie podia provocar uma relação afetiva.

Que estranho, pensou Pitt. Era a primeira vez que o cientista mencionava o nome de Fyrie desde que tinham saído de Washington. E tinha sido proferido num tom calado, quase venerador. Pitt lembrava-se que era a mesma inflexão que o Almirante Sandecker tinha usado para falar do islandês.

Pitt não se apercebeu de sentir nenhum espanto enquanto estava de pé sobre os tristes restos mortais do homem que tinha sido uma das figuras mais poderosas nas finanças internacionais. Enquanto estava ali de pé a olhar para baixo, a sua mente simplesmente não conseguia associar as cinzas a seus pés à pessoa de carne e osso que os jornais do mundo referiam como o auge do intelectual rico e social. Talvez se tivesse conhecido o célebre Kristjan Fyrie, conseguisse sentir algum tipo de emoção neste momento. Mas ainda assim, Pitt tinha sérias dúvidas. Não era fácil de impressionar. Como o seu pai lhe dizia, se tirarmos as roupas ao maior homem vivo, vemos um animal muito envergonhado, nu e indefeso.

Pitt olhou para os anéis de metal contorcido durante um momento e depois deu-os de volta a Hunnewell. Ao fazê-lo, ouviu o som ténue de movimento algures no convés acima. Estacou, ouvindo com atenção. Mas o som tinha morrido na escuridão para lá da escotilha superior. Havia algo de sinistro no tipo de silêncio que pairava sobre a cabine devastada; uma sensação de que alguém estava a observar todos os seus movimentos, a ouvir todas as suas palavras. Pitt ganhou coragem para um último gesto de defesa, mas era tarde de mais. Surgiu um raio de luz intensa vindo do topo das escadas para o centro da sala, cegando-o com o seu brilho fulminante.

— A assaltar os mortos, meus senhores. Por amor de Deus, acho que vocês os dois são capazes de fazer quase tudo. — A sua cara estava escondida por detrás da luz, mas a voz pertencia sem dúvida ao Comandante Koski.

4.

SEM SE MEXER, SEM RESPONDER, PITT FICOU DE PÉ NO MEIO DO CONVÉS carbonizado. Ficou ali, pareceu-lhe, durante uma década enquanto o seu cérebro trabalhava para explicar a presença de Koski. Esperava que o Comandante chegasse eventualmente ao local, mas não pelo menos dentro de três horas. Agora era óbvio que, em vez de esperar até à hora de encontro definida, assim que o helicóptero ficara fora de vista, Koski tinha mudado o seu rumo e levado o *Catawaba* à velocidade máxima pela rota traçada por Hunnewell no meio dos icebergues.

Koski direcionou a luz da lanterna para as escadas, revelando a cara de Dover a seu lado.

— Temos muito para conversar. Major Pitt, Dr. Hunnewell, se não se importam.

Pitt pensou numa resposta inteligente, mas abandonou-a. Em vez disso, disse:

— Vá à merda, Koski! Venha você cá abaixo! E traga esse brutamontes que é o seu oficial executivo se isso o faz sentir-se mais seguro.

Passou-se quase um minuto de um silêncio hostil antes de Koski responder:

— Você não está em posição de fazer exigências.

— Porque não? Há demasiado em jogo para o Dr. Hunnewell e eu ficarmos aqui a chuchar no dedo enquanto você se arma em detetive amador. — Pitt sabia que as suas palavras eram arrogantes, mas tinha de ficar em vantagem contra Koski.

— Não é preciso ser desagradável, Major. Uma explicação honesta ajuda muito. Você mentiu assim que pisou no meu navio. Então era o *Novgorod*. O cadete mais inexperiente da Academia da Guarda Costeira nunca se lembraria de identificar este casco como uma traineira russa de espionagem. As antenas do radar, o equipamento eletrônico altamente sofisticado que você descreveu com tanta autoridade. O equipamento evaporou? Não acreditei nem em si nem em Hunnewell por um segundo, mas as vossas histórias eram convincentes e o meu quartel-general, misteriosamente, confirmou tudo. Você usou-me, Major. A minha tripulação, o meu navio, como usaria um elétrico ou uma estação de serviço. Uma explicação? Sim, não me parece que seja pedir demasiado. Apenas a resposta para uma pergunta simples: que raio se está a passar?

Koski estava por dentro de tudo, pensou Pitt. O Comandante arrogante não estava a exigir, estava a perguntar.

— Continua a ter de descer até ao nosso patamar. Parte da resposta está aqui nas cinzas.

Deu-se um momento de hesitação, mas eles desceram.

Koski, seguido do colosso que era Dover, desceu as escadas e encarou Pitt e Hunnewell.

— Muito bem, senhores, desembuchem.

— Já viu a maior parte do navio? — perguntou Pitt.

Koski acenou.

— Vi o suficiente. Em dezoito anos de salvamentos no mar, nunca vi uma embarcação tão danificada como esta.

— Reconhece-a?

— É impossível. Não resta nada para a reconhecer. Foi uma embarcação de lazer, um iate, isso é certo. Mais que isso são palpites. — Koski olhou para Pitt com um ar vagamente confuso. — Sou eu quem precisa de respostas. Aonde quer chegar?

— O *Lax*. Alguma vez ouviu falar dele?

Koski acenou.

— O *Lax* e toda a sua tripulação desapareceram há cerca de um ano, incluindo o dono, o magnata mineiro islandês — hesitou, tentando lembrar-se — Fyrie, Kristjan Fyrie. Caramba, metade da Guarda Costeira procurou durante meses. Não encontraram nenhum vestígio. E então, o que tem o *Lax*?

— Está a bordo dele — disse Pitt lentamente, deixando-o interiorizar as suas palavras. Apontou a lanterna para o convés. — E este monte de cinzas é tudo o que resta de Kristjan Fyrie.

Koski arregalou os olhos e empalideceu. Deu um passo em frente e olhou fixamente para a massa dentro do círculo de luz amarela.

— Meu Deus, tem a certeza?

— Dizer que está demasiado queimado para ser identificado é pouco, mas o Dr. Hunnewell tem noventa por cento de certeza dos objetos pessoais de Fyrie.

— Sim, os anéis. Eu ouvi.

— Talvez não seja muito, mas é bastante mais do que conseguimos encontrar nos outros corpos.

— Nunca vi nada assim — disse Koski, perplexo. — Não pode ser. Um navio deste tamanho não podia desaparecer sem rasto durante um ano para depois aparecer desfeito em cinzas no meio de um icebergue.

— Ao que parece, foi isso mesmo que aconteceu — disse Hunnewell.

— Perdoe-me, Doutor — disse Koski, olhando nos olhos de Hunnewell. — Embora eu seja o primeiro a admitir que não estou ao seu nível no que diz respeito à ciência de formações de gelo, tenho andado tempo suficiente no Atlântico Norte para saber que um icebergue pode ser desviado por correntes, andando à deriva em círculos, ou navegar ao largo da costa da Terra Nova até três anos. É tempo suficiente para o *Lax*, por alguma improbabilidade, ter ficado preso e encerrado pelo gelo. Mas, e perdoe-me o trocadilho, essa teoria mete água.

— Tem toda a razão, Comandante — disse Hunnewell. — As hipóteses de isto acontecer são ínfimas; no entanto, é possível. Como sabe, um navio dilacerado pelas chamas demora dias a arrefecer. Se uma corrente ou vento tiverem empurrado e mantido o casco contra o icebergue, levaria apenas quarenta e oito horas ou menos para este navio todo ficar envolto sob o manto do icebergue. Obtemos a mesma situação quando encostamos um ferro em brasa contra um bloco de gelo. O ferro vai derretendo o gelo e avançando até arrefecer. Depois, o gelo volta a congelar à sua volta e sela-o firmemente.

— Certo, Doutor, venceu nessa. No entanto, há um aspeto importante que ninguém colocou.

— E é qual? — instigou Pitt.

— A rota final do *Lax* — disse Koski firmemente.

— Não há nada de estranho aí — acrescentou Pitt. — Veio em todos os jornais. Fyrie, a sua tripulação e passageiros deixaram Reiquejavique na manhã de dez de abril do ano passado e traçaram uma rota direta para Nova Iorque. Foi avistado pela última vez por um petroleiro da Standard Oil a seiscentas milhas do Cabo Farewell na Gronelândia. Depois disso, não se viu ou ouviu mais nada do *Lax*.

— Até aí, tudo bem. — Koski subiu o colarinho do casaco para tapar as orelhas e debateu-se para não tremer os dentes. — Exceto que

o navio foi avistado perto do paralelo cinquenta, o que é demasiado a sul da fronteira de icebergues.

— Devo lembrar-lhe, Comandante — disse Hunnewell, levantando um sobrolho intimidante, — que a sua Guarda Costeira registou pelo menos mil e quinhentos icebergues por ano abaixo do paralelo quarenta e oito.

— E eu devo lembrar-lhe a si, Doutor — insistiu Koski, — que, durante o ano em questão, o número de avistamentos de icebergues abaixo do paralelo quarenta e oito foi de zero.

Hunnewell limitou-se a encolher os ombros.

— Seria extremamente útil, Dr. Hunnewell, se me explicasse como é que um icebergue apareceu onde não existia nenhum, depois, com o *Lax* congelado no seu interior, ignorou as correntes dominantes durante onze meses e meio e navegou quatro graus para norte enquanto todos os outros icebergues no Atlântico se dirigiam para sul à velocidade de três nós por hora.

— Não sei — disse Hunnewell simplesmente.

— Não sabe? — Na cara de Koski estava estampada a sua incredulidade. Olhou para Hunnewell, depois para Pitt, depois de volta para Hunnewell. — Seus filhos da mãe! — disse bruscamente. — Não me mintam!

— Isso é uma terminologia agreste, Comandante — disse Pitt rispidamente.

— Do que raio estavam à espera? Ambos são pessoas bastante inteligentes, ainda assim agem como um par de mongoloides. Vejamos aqui o Dr. Hunnewell. É um cientista de renome internacional e nem sabe explicar como é que um icebergue consegue viajar para norte contra a Corrente do Labrador. Ou você é uma fraude, Doutor, ou é o professor mais burro de que há memória. A verdade pura e simples é que é impossível este icebergue andar contra a corrente tal como é impossível um glaciador derreter para cima.

— Ninguém é perfeito — disse Hunnewell, encolhendo os ombros sem resposta.

— Nenhuma deferência, nenhuma resposta honesta, é isso?

— Não é uma questão de honestidade — disse Pitt. — Temos as nossas ordens tal como vocês têm as vossas. Até há uma hora, eu e Hunnewell estávamos a seguir um plano específico. Esse plano acabou de cair por terra.

— Sim. E qual é o próximo passo no nosso jogo de adivinhas?

— O problema é que não podemos dizer tudo — disse Pitt. — Na verdade, não podemos dizer quase nada. Posso dizer-lhe o que o Dr.

Hunnewell e eu sabemos. Para além disso, terá de chegar às suas próprias conclusões.

— Podia ter sido frontal connosco mais cedo.

— Nem por isso — disse Pitt. — Enquanto capitão do seu navio, você tem plena autoridade. Até tem o poder de ignorar ou rejeitar ordens do seu Comodoro se achar que põem em perigo a sua tripulação e navio. Não podia arriscar. Tivemos de o enganar para cooperar em tudo. Para além disso, não era suposto confiarmos em ninguém. Neste preciso momento estou a ir contra as minhas ordens.

— Pode ser que me esteja a enganar novamente.

— Pode ser — disse Pitt, a sorrir, — mas quais são as hipóteses? Hunnewell e eu não temos mais nada a ganhar. Estamos a livrar-nos desta confusão e vamos para a Islândia.

— Está a atirar com isto para cima de mim?

— Porque não? Destroços abandonados e à deriva são o seu género. Lembre-se do seu bordão, *semper paratus*, sempre preparado. A Guarda Costeira em missão de salvamento e isso tudo.

A expressão contorcida de Koski era impagável.

— Agradecia que se ficasse pelos factos sem recorrer a comentários de mau gosto.

— Muito bem — disse Pitt calmamente. — A história que eu inventei a bordo do *Catawaba* era verdadeira em parte, até ao ponto em que eu substituí o *Novgorod* pelo *Lax*. É claro que o iate de Fyrie não trazia equipamento eletrónico classificado ou quaisquer outros instrumentos mecânicos clandestinos. Na verdade, a carga consistia em oito engenheiros e cientistas de topo da empresa Fyrie Mining Limited que estavam a caminho de Nova Iorque para darem início a negociações secretas com dois dos nossos maiores fabricantes bélicos. Algures a bordo, provavelmente nesta divisão, havia uma pasta de documentos com um estudo geológico do leito do oceano. Aquilo que a equipa de investigação de Fyrie descobriu no fundo do mar e onde é um mistério. Esta informação era vital para bastantes pessoas e o nosso próprio Departamento de Defesa estava desesperado por tentar obtê-la. Tal como os russos, que fizeram de tudo para a apanhar.

— A sua última frase explica muita coisa — disse Koski.

— Porquê?

Koski cruzou um olhar tácito com Dover.

— Nós fomos um dos navios que procurou pelo *Lax*, foi a primeira patrulha do *Catawaba*. De cada vez que piscávamos os olhos, cruzávamo-nos com o rasto de uma embarcação russa. Fomos suficientemente egocêntricos para acharmos que estavam a observar os

nossos padrões de busca. Agora parece que eles próprios andavam à procura do *Lax*.

— Também tem tudo a ver com o motivo para nos metermos na vossa vida — disse Dover. — Dez minutos depois de você e o Dr. Hunnewell levantarem voo, recebemos uma mensagem do quartel-general da Guarda Costeira a avisar-nos que um navio russo estava em patrulha pelo aglomerado de icebergues. Tentámos contactar-vos mas não conseguimos...

— Não admira — interrompeu Pitt. — Era essencial que cortássemos todas as comunicações por rádio assim que nos dirigimos para os destroços. Tomei a precaução de desligar o rádio. Não podíamos transmitir e muito menos receber.

— Depois de o Comandante Koski ter notificado o quartel-general de que não conseguíamos contactar o vosso helicóptero — continuou Dover, — chegou uma comunicação urgente a ordenar que fôssemos imediatamente à vossa procura como apoio, caso o submarino causasse problemas.

— Como é que nos encontraram? — perguntou Pitt.

— Nem tínhamos passado dois icebergues quando vimos o vosso helicóptero amarelo. Saltou à vista como um canário no meio de lençóis brancos.

Pitt e Hunnewell olharam um para o outro e riram às gargalhadas.

— Qual é a piada? — perguntou Koski, curioso.

— Foi sorte, só isso, foi a ironia da sorte — disse Pitt, com a cara contraída de satisfação. — Voámos por todo o lado durante três horas antes de encontrarmos este palácio gelado flutuante e vocês encontraram-no em cinco minutos depois da vossa busca. — De seguida, Pitt contou brevemente a Koski e Dover sobre o icebergue falso e o encontro com o submarino russo.

— Meu Deus — murmurou Dover. — Está a sugerir que não fomos os primeiros a pisar neste icebergue?

— Os indícios estão à vista — disse Pitt. — A mancha de tinta da Patrulha do Gelo foi lascada e eu e Hunnewell encontrámos pegadas em quase todas as cabines do navio. E há mais, algo que passa toda esta situação do misterioso para o macabro.

— O incêndio?

— O incêndio.

— Sem dúvida que é accidental. Há incêndios em navios desde que os primeiros barcos de verga navegavam pelo Nilo abaixo há milhares de anos.

— O homicídio já existe há muito mais tempo que isso.

— Homicídio! — Koski ecoou secamente. — Você disse homicídio?

— Com H grande.

— Tirando a extensão excessiva, não vi nada que já não tenha visto em pelo menos oito outros navios queimados durante o meu serviço na Guarda Costeira: cadáveres, fedor, devastação, tudo. Na sua estimada opinião enquanto oficial da Força Aérea, o que o leva a pensar que este é diferente do resto?

Pitt ignorou o comentário rabugento de Koski.

— É tudo demasiado perfeito. O operador de rádio na sala de comunicações, dois engenheiros na casa das máquinas, o capitão e um imediato na ponte, os passageiros ou nos seus quartos ou no salão, até um cozinheiro na cozinha; todos exatamente onde é suposto estarem. Diga-me, Comandante, você é o perito. Que raio de incêndio varreria um navio inteiro, carbonizando toda a gente sem fazerem a mínima tentativa de se salvaguardarem?

Koski apertava uma orelha pensativamente.

— Não há mangueiras espalhadas pelas vias de passagem. Parece que ninguém tentou salvar o navio.

— O corpo mais próximo do extintor de incêndio está a seis metros. A tripulação foi contra todas as leis da natureza humana se tiver decidido no último minuto continuar a executar as suas tarefas nos seus postos até morrer. Não consigo imaginar um cozinheiro que prefira morrer na sua cozinha a salvar a sua própria vida.

— Isso continua a não provar nada. O pânico pode ter...

— O que é preciso para o convencer, Comandante? Um cinto na boca e um taco de basebol? Explique o operador de rádio. Morreu junto ao seu aparelho, no entanto sabemos que não foi recebido nenhum sinal de socorro vindo do *Lax* ou de qualquer outro navio no Atlântico Norte nessa altura. Parece um pouco estranho que ele não tenha sequer conseguido enviar pelo menos três ou quatro palavras de ajuda.

— Continue — disse Koski num murmúrio. Os seus olhos penetrantes mostravam um brilho interessado.

Pitt acendeu um cigarro, soltou uma longa nuvem de fumo azul para o ar esfriado e pareceu ficar a ponderar por um momento.

— Vamos falar sobre o estado dos destroços. O Comandante disse que nunca viu um navio tão destroçado como este. Porquê? Não transportava explosivos ou carga inflamável e podemos excluir os depósitos de combustível. Eles fizeram realmente com que o incêndio se espalhasse mas não a este nível do lado oposto do navio. Porque é que cada milímetro do navio ficaria queimado com tanta intensidade? O casco e a estrutura são de aço. E para além das mangueiras e extin-

tores, o *Lax* tinha um sistema de aspersão contra incêndios. — Parou e apontou para dois apliques disformes pendurados no teto. — Um incêndio no mar normalmente começa num só local, a casa das máquinas ou um porão ou uma zona de armazenamento, e depois espalha-se de compartimento em compartimento, levando horas e às vezes dias para consumir completamente um navio. Aposto o que quiser que um investigador de incêndios ficaria confuso com este e acabaria por determinar que tinha sido um incêndio relâmpago em tempo recorde que cobriu a totalidade do navio no espaço de minutos, deflagrado por causas ou pessoas desconhecidas.

— O que tem em mente relativamente à causa?

Pitt disse:

— Um lança-chamas.

Deu-se um minuto de silêncio perplexo.

— Tem noção do que está a insinuar?

— Pode ter a certeza que tenho — disse Pitt. — Tem tudo a ver com a explosão violenta de chama incandescente, o terrível cheiro dos jatos, o fumo horrível da carne derretida. Quer queira, quer não, um lança-chamas é a resposta lógica.

Agora estavam todos a ouvir com um interesse horrorizado. Hunnewell fez um barulho com a garganta como se fosse vomitar novamente.

— É surreal, impensável — murmurou Koski.

— Todo o cenário é surreal — disse Pitt calmamente.

Hunnewell olhou para Pitt inexpressivamente.

— Não posso acreditar que ficaram todos quietos como carneiros e deixaram-se tornar em tochas humanas.

— Não vê? — disse Pitt. — O nosso amigo terrível conseguiu drogar ou envenenar os passageiros e tripulação de alguma maneira. Administrou provavelmente uma dose enorme de hidrato de cloral na comida ou bebida.

— Podem ter sido todos abatidos a tiro — arriscou Dover.

— Analisei vários dos restos mortais — Pitt abanou a cabeça, — não vi sinais de balas ou ossos estilhaçados.

— Então se ele esperou até ficarem todos inconscientes pelo veneno — prefiro pensar que morreram logo —, espalhou-os pelo navio, depois foi de compartimento em compartimento com um lança-chamas... — Koski deixou a conclusão a pairar. — E a seguir? Para onde foi o assassino depois disso?

— Antes de tentar responder a isso — disse Hunnewell cansado, — gostava que alguém me explicasse onde é que o assassino se mate-

realizou para começar. É óbvio que não era nenhum dos passageiros nem da tripulação. O *Lax* navegava com quinze homens e ardeu com quinze homens. A lógica indica que isto foi trabalho de uma equipa que embarcou a partir de outro navio.

— Não é possível — disse Koski. — Qualquer abordagem de um navio por outro requer algum tipo de contacto por rádio. Mesmo que o *Lax* tenha recebido sobreviventes de um naufrágio falso, o capitão teria reportado de imediato. — Subitamente, Koski sorriu. — Segundo me lembro, a última mensagem de Fyrie pedia a reserva de uma suite na *penthouse* do hotel Statler-Hilton em Nova Iorque.

— Pobre coitado — disse Dover lentamente. — Se o dinheiro e o sucesso acabam assim, servem para quê? — Olhou novamente para o amontoado no convés e afastou o olhar rapidamente. — Meu Deus, que espécie de louco consegue matar quinze pessoas de uma só vez? Envenenar metodicamente quinze homens e depois, calmamente, cremá-los com um lança-chamas?

— O mesmo louco que explode com aviões comerciais pelo dinheiro do seguro — disse Pitt. — Alguém que consegue matar outro ser humano com a mesma indiferença que se tem depois de matar uma mosca. O motivo aqui, obviamente, foi o lucro. Fyrie e a sua gente fizeram uma descoberta que era extremamente valiosa. Os Estados Unidos queriam-na, a Rússia queria-a, mas houve um desconhecido que fugiu com ela.

— E justificou isto tudo? — disse Hunnewell com náusea no olhar.

— Justificou para o décimo sexto homem. — Pitt olhou para os restos macabros no convés. — O intruso não registado que foi a morte do grupo.

